

A FÉ E A PAIXÃO EM LADOS OPOSTOS

A SACERDOTISA ÁGUIA

Irmãos Balden

JOSIANE **VEIGA**



A Sacerdotisa

Águia



Irmãos Balden

Livro 2

É proibida a distribuição total ou parcial dessa obra sem a prévia autorização da autora.

Todos os direitos pertencem a Josiane Biancon da Veiga

ISBN: 9781980445791

Sinopse

Ele era um covarde.

Finn Keelin fugia de seu próprio destino.

Filho caçula de uma poderosa família, Finn cresceu na certeza de que jamais teria que arcar com as responsabilidades de um feudo. Todavia, os irmãos morreram em um acidente, e sobrou a ele a incumbência de casar e prosseguir com a sua Casa.

O problema era que isso exigia uma esposa, filhos, e uma vida quieta, longe da mocidade de regalias e prazeres.

Ela era corajosa.

Samantha Balden sempre assumiu responsabilidades. Com a morte da mãe, cuidou dos dois irmãos, ajudou seu feudo e se consagrou curandeira da Mãe Terra. Cuidar e amar as pessoas era sua missão.

Contudo, numa viagem em que se desencontra de seu irmão Brandon, acaba conhecendo o covarde Finn.

Ambos eram opostos em tudo, e tão iguais em diversos sentimentos.

E nessa mescla de emoções, eles perderam-se completamente um no outro.

Sumário

Dedicatória:

Nota da Autora:

Prólogo

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

A SAGA DOS REINOS

DEMAIS LIVROS DA AUTORA

Dedicatória:

A todos os meus amados leitores. Cada linha, cada obra, cada centelha de vida de personagem é para vocês.

Nota da Autora:

Foi impossível esconder a verdade de leitores com tanta bagagem quanto os meus. Eu juro que tentei. Não havia avisado ninguém sobre a intenção dessa trilogia. Mas, alguns leitores mais atentos perceberam a essência da obra.

Sim, a trilogia dos irmãos Balder é um spin-off da saga dos Reinos.

Se passa antes mesmo da separação de imundos, quando o Maligno começa a reinar.

Eu queria que todos entendessem que Masha, a terra quente, não foi sempre aquele deserto árido e miserável. Já houve muita vida e abundância na terra da Deusa. E, não... Não só mashianos viviam ali. Foi o clero que dividiu os povos, não os deuses.

Isso foi citado à Cedric, e foi comentado nos seis livros da Saga dos Reinos. Mas, precisava de algo que deixaria explícito. Só contaria a verdade aos leitores na última obra. Deixaria os deuses dessa ainda sobre o anonimato. Todavia, como muitos haviam captado a mensagem em O Rei Águia, não vi mais porque esconder.

Serviu de lição. Meus leitores são muito ávidos e inteligentes. Enfim, então, lá vai: Tem muitas histórias paralelas que ainda pretendo escrever. O universo de Masha, Cashel e Bran é imenso. Muitas coisas foram deixadas de fora, e eu não queria encerrar o livro da Saga sem narrar esses pequenos acontecimentos. Lembrem-se de que os Deuses lutam desde o começo contra o Maligno. Eles levantaram muitas pessoas para isso. Esmeralda, Cedric, Iwan... são apenas alguns.

Quem sabe vem muito romance paralelo por aí.

Ah, e o próximo livro é de Brandon. Ele possivelmente não sai antes de Maio. Preciso dar uma pausa, tive alguns problemas de saúde. De qualquer

maneira, obrigada por tudo e divirtam-se.

Josiane Biancon da Veiga, Março de 2018.

Prólogo



A noite estava quente. Sentada na carruagem da família, Samantha remexia o leque, tentando aliviar o suor que escorria pela lateral da testa.

— Que raiva, Brandon — resmungou.

Haviam brigado. Estavam brigando desde que ele resolvera ir até um feudo distante para participar das comemorações em homenagem ao deus sol.

Ele estava na idade de farrear, mas Samantha queria paz e descanso.

Naquela noite, ela se imaginou em Nunemesse, a brincar com o sobrinho recém-nascido, ou a beber chá com a cunhada, Evelyn. Contudo, estava ali, no meio do nada, com a charrete parada e o irmão indo aliviar sua tensão socando árvores ao longe.

Ouviu passos. Preparou-se para lhe dar um sermão, quando a porta se abriu e um homem grande e vigoroso surgiu diante dela.

Por puro instinto, segurou a faca que usava na cintura.

— Não me toque! — avisou. — Sou uma sacerdotisa consagrada à Mãe Terra.

O homem negou com a face, como se não se importasse. Segurou seu pulso, e então declarou.

— Sou Finn, da Casa de Keelin. Eu preciso de ajuda.

A SACERDOTISA ÁGUIA



Algumas semanas antes...

Ao longe o sol parecia se despedir. Era o final de uma tarde estranhamente quente, como se o deserto de Hilde estivesse ali.

Alguns anos antes, quando Samantha havia chegado àquela terra, a fim do irmão se casar com a então filha do senhor de Nunemesse, o tempo costumava ser mais ameno. Havia frio e calor no tempo determinado. A vegetação e os rios eram de uma beleza singular. Todavia, aos poucos, parecia que o calor começava a dominar toda a extensão daquele paraíso.

Uma terra quente...

Terras? Havia outras duas, pelo que ela sabia. Não se falava muito nisso, e isso nunca importou a sacerdotisa Samantha Balder.

Alguns viajantes que levavam comida a Hilde diziam que havia uma

terra montanhosa e outra um tanto fria. Ambas, ao norte. Ambas, divididas pelo mar.

Mas, o mar próximo de Nunemesse não dava para lado nenhum. Era apenas um amontoado de água que não se podia beber. Samantha, contudo, não se lamentava por isso. Era acomodada, feliz em estar ali, com seu pequeno sobrinho no colo, a observar o deslumbre final do deus sol.

O pai dia ia embora. A mãe noite chegava. Deuses de suma importância, em sua opinião, pois equilibravam o tempo e proporcionavam descanso.

Vitor remexeu-se em seus braços e ela cantou uma antiga canção, aninhando-o melhor.

Gostava daquela sensação. Da criança sobre seus seios. Infelizmente, nunca teria um seu. Não que fosse pecado uma sacerdotisa casar-se, mas, para alguém como ela, o dever vinha em primeiro lugar.

Dessa forma, nunca poderia ser esposa de alguém. O que diria um homem em ver sua mulher saindo de madrugada para atender a um doente? Ou para ajudar outra num parto?

Havia regras na sociedade. Samantha sabia disso. E, por isso, havia decidido há muitos anos que uma vida solitária era a mais adequada ao seu dom.

Vitor remexeu-se novamente. Ela o observou. Ele tinha uma aura azul claro, que indicava paz interior.

Ela conseguia ver a bondade e a maldade de uma pessoa através das cores. Sabia que Vitor seria um bom homem.

Mas, nem sempre confiava naquele dom. Muitas pessoas estavam afogadas na obscuridade da alma, não porque fossem más, e sim porque sofriam demasiadamente.

Isso aconteceu quando conheceu Evelyn, sua cunhada. Lembrava-se vividamente de percebê-la envolta de um cinza escuro, uma agonia

desesperada. Ao invés de ignorá-la, ela a amou. E logo aquela alma em agonia, tornou-se um rosa claro, de amor e fraternidade.

Talvez fosse assim que se mudasse o mundo. Com amor. Claro que havia os maus que mesmo muito amados, seriam incapazes de retribuir, mas dar uma chance as pessoas não faria mal a ninguém...

Um choramingo baixo. A sacerdotisa sorriu.

— Está com fome?

Ergueu-se de sua cadeira e começou a andar em direção ao interior do castelo. Buscava pela fonte de leite que agraciaria aquela pequena alma delicada.



Evelyn observava a discussão que se seguia com um respeito extremo ao momento dos três irmãos.

O marido, Erick, costumava ser racional e gentil quando lidava com os dois mais jovens. Mas, naquele momento ele parecia diminuir tamanho o furor de Samantha.

— Eu já sou um homem! — Brandon esbravejava.

Não que aquilo tivesse qualquer importância para a cunhada. Ela havia criado os dois irmãos, e Erick sempre lhe obedeceu e lhe teve um respeito que dedicaria a própria mãe. Contudo, Brandon parecia mais rebelde. Talvez

por ser o caçula, talvez por ser um tanto mimado por Samantha.

E, já tinha algum tempo que ele havia colocado na cabeça que queria partir para conhecer todo o reino.

— Você não diz nada? — Samantha encarou Erick, que parecia em conflito.

— Ele é um homem, Samantha — o irmão devolveu, e quase apanhou por isso.

Houve mais uma série de palavrões da sacerdotisa, que nunca havia sido muito boa em controlar a boca.

— Já tem muito tempo que eu cresci, Samantha! — o caçula insistiu.

— Cresceu? A única coisa que faz, além de me confrontar, é foder aldeãs. Você é um moleque!

— Eu já tenho mais de vinte primaveras, irmã — não pareceu zangado pelas palavras felinas. — É um direito conhecer o mundo fora da desgraça de Hilde e das terras de Nunemesse.

— E o que acha que vai encontrar lá fora?

— Não sei — retrucou. — Talvez amor.

A frase chocou Samantha. Não era tola e não se convenceria com palavras manjadas.

— Acha que sou estúpida? Quer dizer que está procurando uma esposa? Quer realizar o sonho de sua querida irmã? Sabe bem que te quero aquietado como Erick, mas não sou nenhuma idiota que crê que isso será fácil. Sei bem que pretende ir farrear, aproveitar bebidas e mulheres como se o mundo fosse acabar!

— E por que não posso?

— Desonrar seu próprio corpo não é bem algo que eu aceitarei com facilidade.

— É meu corpo! Faço dele o que bem entender.

Samantha volveu-se para Evelyn. A cunhada arregalou os olhos, quase como se implorando para que não lhe envolvessem naquele problema.

— Irmã — Samantha parecia clamar por sua ajuda. — Quando Vitor crescer, você aceitará com facilidade que ele deixe sua casa para ir enfurnar-se em aventuras imaginárias? Para ir desgraçar sua alma?

Enquanto Evelyn arregalou os olhos, a voz de Brandon pareceu rugir, como um leão.

— Você não é minha mãe!

Houve um silêncio imediato, chocado, seguido pelos passos lentos e retrocedidos de Samantha.

Era confrontada com uma verdade inquestionável. Todavia, desde a tenra idade, foi assim que se viu.

— Eu... — a voz de Brandon pareceu acalmar, arrependido de sua voraz necessidade de magoá-la.

Contudo, Samantha deu-lhe as costas e se afastou.

A discussão estava acabada. Ninguém precisou dizer, mas todos sabiam que Samantha não mais se envolveria na sua decisão de partir.



Às vezes uma verdade machuca. Samantha sempre acreditou que era melhor que ferisse, mas que continuasse a ser verdade. Mas, naquele breve instante onde ela observava a lua cheia no céu, pensou que preferia ter ouvido uma mentira.

A afirmação de Brandon lhe trouxe uma verdade poderosa. Sempre quis ser mãe. Por conta de sua condição, aceitou que isso se transferisse para os irmãos.

Era assim que os via. Como sua genitora. Mas, não era. E não tinha direitos sob suas escolhas. Mesmo que fosse sua mãe, Brandon ainda era livre para optar pelo que desejasse.

A Mãe Terra sempre dava a todos o livre arbítrio. Não era dela o direito de tirar isso deles.

Mesmo assim... E se algo lhe acontecesse? Brandon sempre seria seu menininho. Sempre o veria como o garotinho que a buscava por amparo e que vivia agarrado à suas saias.

— Me desculpe... — A frase às suas costas fê-la estremecer.

— Você pode ir — ela devolveu, sem voltar-se. — Quero dizer, você poderia ir sem minha benção porque é sua escolha. Mas, quero deixar claro que não irei rastejar atrás de você. Pode ir para onde quiser.

Sentiu seu braço ser puxado.

— Venha comigo — Brandon murmurou.

Os olhos negros da sacerdotisa arregalaram.

— O quê?

— Você sabe? Erick está gerindo o feudo com mãos bondosas e competentes. Evelyn já sabe como cuidar do filho. Há o sacerdote Efraim que pode cuidar dos doentes, caso necessitem de ajuda. Você e eu podemos ver o mundo, ver templos, conhecer outros deuses, conhecer outras pessoas...

— Mas, eu...

— Eu sei que gosta do nosso lar. Gosta da quietude. Mas, irmã, será apenas por um tempo. Um cuidando do outro, um zelando pelo outro, vamos ver as belezas naturais que o mundo nos oferece. E, depois de vermos tudo, voltaremos ao nosso lar. Experiência e sabedoria na bagagem. E então nos aquietamos de vez.

A promessa implícita não a convenceu. Ela não queria ir. Ao mesmo tempo, próxima de Brandon, poderia impedir que ele cometesse loucuras.

Cuidar dele... Era aquilo que ela mais desejava.

— Está bem.

Brandon abriu um enorme sorriso e a trouxe para os braços.

Samantha, mentalmente, jurou pelos Deuses que ele iria se arrepender daquele convite. Se achava que ela iria permitir que caísse nas garras de mulheres sem caráter ou de bebidas destiladas, o irmão estava muito enganado.

Brandon era sem menininho e como tal, ela cuidaria dele.

F I N N



A Casa Keelin se ergueu sobre uma terra abençoada, como todo aquele reino bonito.

O atual senhor, Davon, teve quatro filhos. O mais velho era seu orgulho, bonito, austero e responsável. O segundo, fiel às leis religiosas de seu povo, era alguém de conversa agradável e inteligente.

Aquelas duas benções foram seguidas por duas aberrações.

Claro, a culpa não era dele. Era da mulher que os haviam gerado.

Tânia, a primeira esposa, aquela cuja beleza lhe havia tirado a razão, e lhe dado o primogênito e o sábio, havia morrido de uma doença misteriosa que acometeu algumas mulheres anos antes.

Depois, apesar de sempre ter concubinas para lhe servir, resolveu casar com uma ruiva de temperamento difícil.

Ah, o arrependimento...

O primeiro filho vindo dela puxou aos olhos negros do pai, mas era de temperamento incontrolável como a mãe, Salete.

Ele odiava aquele garoto. Não fazia nada certo. Era sempre um reflexo negativo dos irmãos. O pior aluno, o pior arqueiro, o pior em tudo. Quanto mais crescia, mais lhe dava vergonha.

Enquanto os mais velhos preparavam-se para um futuro em esplendor, Finn, o filho mais novo, perdia-se em mulheres e álcool. Foi quase um alívio quando ele disse que partiria.

Que sumisse!

Mal conseguia olhar para a sua cara.

Antes de morrer, Salete ainda lhe deu mais um pesar. Uma filha, Megan, tão inútil quanto o irmão. Não porque fosse de festas ou atos repugnantes e vergonhosos, mas porque era mulher e não lhe serviria para nada.

No máximo, alguma aliança inútil com alguma casa inútil. Até porque Megan não era muito bonita, nem de corpo esbelto.

Quando Finn partiu, despediu-se apenas da irmã. Disse-lhe que voltaria quando encontrasse seu lugar. E então a levaria com ele. Mas, o tempo passou e a promessa perdeu-se.

Davon pensava nisso quando encarava o administrador de suas terras, Ergo, a lhe narrar à entrada e saída de subsídios.

Um dia, os filhos perfeitos foram andar de carroça. Diziam a bocas pequenas que eles corriam atrás de alguma mulher. Não que fosse vergonhoso. Os Deuses sabiam que os senhores tinham direitos. O próprio Davon tinha o hábito de exigir que as noivas puras tivessem sua primeira noite com ele. Mas, não era de usar violência.

Contudo, os filhos gostavam de perseguir camponesas. E, numa dessas

empreitadas, a carroça que os levava virou. Ambos caíram desajeitadamente. O mais velho quebrou o pescoço e morreu na hora. O segundo ainda durou alguns dias, mas também morreu, tamanha as dores.

Restou àquele pai um lixo de filho mais novo e uma filha inútil.

No começo, tentou negar a si mesmo o óbvio. Todavia, depois de um tempo, mandou missivas a Finn, exigindo que voltasse.

Sua resposta foi de que o filho buscava uma esposa. Assim que se casasse, voltaria a sua casa.

Ficou zangado, mas não teve escolha. Desde então esperava a volta do que lhe restava. Estava velho, queria descansar e entregar seu feudo a quem tivesse seu sangue.

— O que o senhor acha? — indagou seu administrador, tirando-o do devaneio.

Assentiu, mesmo sem saber do que falava ao homem.

Se Finn não voltasse nos próximos meses enviaria uma guarda armada e lhe traria a força.

Ou então faria como o senhor de Nunemesse. Colocaria o feudo à venda, o preço era a filha sem graça. O homem que aceitasse aquela mulher desengonçada seria o dono de Keelin.



Ele abriu os olhos, desnortado pela dor de cabeça.

Havia um entrevero de pés e coxas sobre ele. Três mulheres e várias garrafas em cima da cama. A taberna onde havia pagado o pouso pareceu o lugar adequando a sua liberdade.

Na noite anterior, bebeu, dançou, flertou e fez amor. Com as três.

E foi bom.

E a vida poderia ser de toda boa não fosse os malditos irmãos terem morrido.

Toda manhã, ao acordar, ele pensava naquilo. Toda manhã ele sabia que devia voltar para casa.

Ergueu-se da cama, vestindo as calças. Largou no colchão moedas de ouro para as moças que lhe serviram.

Saiu.

Logo, aproximava-se do alazão preto. Pensou em Megan naquele instante. A irmã amava animais.

Sentiu-se o pior dos homens. Era sempre assim, ódio e culpa a corroê-lo.

Mas, como voltar àquele lugar onde vivera o inferno?

Finn Keelin tinha dez anos quando a mãe morreu. Deixou para ele uma irmã de cinco anos, e uma família que o desprezava.

Quanto mais crescia, mais sentia que Megan e ele não eram bem vindos. O pai sempre amou a primeira esposa, e sempre desprezou a segunda. Seus irmãos nunca lhes apoiaram, e ele também passou a desprezá-los à medida que crescia e os via subjugando os mais fracos.

Foi assim que ele descobriu que defender os fracos tornava-o igual a eles.

Era assim que era visto. Um fracote sem coragem de estuprar uma jovem mulher, um imbecil por acreditar que Megan tinha algum valor.

E talvez fosse verdade. Ele era um covarde. Não aguentou a vida naquela casa, os insultos do pai, o riso dos irmãos, e decidiu partir.

Tinha consigo uma bolsa de moedas de ouro deixadas pela mãe e um cavalo negro, Tornado, que recebeu de um camponês por ter ajudado uma égua a parir.

“Eu vou voltar”, jurou à Megan.

E esse era o plano. Usar seu bom sobrenome para conseguir algum pequeno feudo e então levar a irmã com ele.

Vergonhosamente, assim que se viu longe de Keelin, e descobriu os prazeres da liberdade, perdeu-se de seu juramento.

Viu muitos lugares, teve muitas mulheres, alegrava-se constantemente pela bebida e festividades, mas nas manhãs em que acordava, sempre sentia a culpa a assolá-lo.

Ele precisava voltar para casa.

Ele precisava voltar para Megan.

Foi quando recebeu uma missiva informando que os irmãos haviam morrido. Que a Deusa Mãe lhe perdoasse, mas não chorou suas mortes.

Agora, sabia que sua responsabilidade aumentava. Não era mais voltar para a irmã, e sim voltar para toda a Casa Keelin.

E aquilo o assustou.

Mais uma vez o medo venceu e ele fugiu.



— Você vai embora, então?

Finn encarou o taberneiro com natural aquiescência.

— Já estava na hora, não acha?

— Essa sempre será uma escolha sua — o homem retrucou.

Estava naquele povoado há quase dois anos. Viera para lá assim que fugira de um casamento em Nunemesse. Poucas pessoas ali sabiam de seus deveres e ele gostava daquilo.

Era visto apenas como um ninguém, um aventureiro que vivia com alguma herança que lhe provinha uma vida de sabores diversos.

Mas, o sabor perdera o efeito desejado.

— Eu devo, pela minha irmã.

— Você tem uma irmã? — o taberneiro arqueou as sobrancelhas. —
Bonita?

Pobre Megan. Tinha uma visão turva, curvas avantajadas, e um cabelo de uma cor indefinida, meio cobre enferrujado.

Nunca fora bela. E isso era atirado em sua face dia e noite pelo pai, que não conseguia vendê-la a nenhum lorde em especial.

— Para mim a mais bela das mulheres — foi sincero, contudo.

Porque a amava. E o amor provinha beleza mesmo que o restante dissesse o contrário.

— Tenha um bom caminho de volta para sua casa — o homem desejou.

Finn agradeceu. Arrumou suas coisas e então partiu.



Era uma noite de lua cheia. O caminho se destacava pela iluminação e ele pensou que poderia continuar seu retorno se não fosse o cansaço sentido por Tornado.

Parou seu cavalo negro perto de um riacho e o ajeitou para beber água.

Ultimamente fazia calor, além do normal. Não que aquilo o incomodasse, mas era bom uma brisa para dormir.

Arrumou seu casaco na relva verde e fez da bolsa um travesseiro. Deitou-se. Ao longe, Tornado pareceu também a descansar.

Acima dele, o céu noturno estava em total harmonia com a natureza. Havia corujas chirriando em algum lugar, o cricrilar dos grilos assemelhava-se a um coral altíssimo, e o restante do silêncio era quebrado, às vezes, por algum uivo de lobo ou coioote ao longe.

Enfim, aquela solidão, aquela certeza de estar completamente isolado de qualquer outro ser humano parecia algo semelhante ao alívio. Sem julgamentos nos olhares, sem perguntas desconcertantes, sem fofocas sem propósito.

Apenas ele e a natureza. E o sono...

Os olhos pesaram. Tormenta relinchou ao longe, mas não lhe deu atenção.

Estava envolto em uma névoa de sonhos, onde era um bom irmão e um bom homem. Características que sempre desejou e que nunca cumpriu.

— Por favor!

O som que cortou seu ressonar fê-lo abrir os olhos rapidamente. Mãos agitadas mexeram no seu corpo, enquanto a figura de um homem velho surgiu diante dele.

— Por favor, meu filho...

Ainda um tanto sonolento, Finn sentou-se. Um tanto assustado por não sentir o perigo, ele acabou por agitar-se. Contudo, o semblante em lágrimas do homem logo lhe fez compreender que o que estava diante de si era apenas um pai desesperado.

— Quem é você? O que aconteceu?

— Estávamos viajando, meu filho e eu...

O restante da conversa foi dita entre passos trôpegos e uma corrida até o garoto.



Pelo que narrou o pai, a criança havia se queixado durante à tarde de que havia sentido uma forte ardência nas pernas enquanto eles cochilavam embaixo de uma árvore.

O pai era viúvo, e viajava com o filho a procura de trabalho. O garotinho não sabia, mas havia sido picado por uma cobra.

Agora, agonizava prestes a morrer.

Finn encarou a criança, resplandecendo horror. Como aliviar tanto sofrimento?

— Eu lamento... — murmurou. — Eu não sei o que fazer...

O homem deu um urro de agonia, e Finn sentiu profunda compaixão.

— Existe um povoado daqui algumas léguas. Acha que pode encontrar uma curandeira lá? — O pai indagou.

Finn assentiu. Era tudo que ele podia fazer. Deixaria o pai com o menino, a terem um último momento, e buscaria ajuda. Duvidava muito de que conseguisse encontrar alguém que lhe acompanharia na noite densa, mas tentaria.

Deu-lhe às costas e correu na direção apontada. Galhos lhe trombavam contra o rosto, enquanto o ar parecia faltar aos seus pulmões.

Era uma criança morrendo. Precisava ajudar... Precisava encontrar alguém que ajudasse.

Chegou à estrada. Ali, o caminho era mais limpo. Voltou a correr, na ansiedade de ver qualquer traço de um povoado. Contudo, logo seus passos lhe travaram. Uma carruagem no meio do nada, parada, sem um cocheiro ou sem ninguém por perto. Mas, talvez alguém que pudesse auxiliar de alguma forma.

Aproximou-se. Percebeu a luz interna de uma lamparina. Não pensou, simplesmente abriu a porta.

Sentada sobre um banco confortável estava uma linda dama, de olhos tão intensos que lhe tiraram a concentração.

Céus, era espetacular! Uma beleza diferente, marcada por um rosto desafiante, mas... ainda bela em excesso.

— Não me toque! — ela avisou. — Sou uma sacerdotisa consagrada à Mãe Terra.

Percebeu-a levando a mão a um punhal. Mas, sua frase anterior lhe deu a certeza de que havia um deus a reger o universo, e que aquela criança sobreviveria.

— Sou Finn, da Casa de Keelin. — apresentou-se. Não houve qualquer menção de reconhecimento. — Eu preciso de ajuda.

Ela pareceu estudá-lo. Finn nunca havia visto uma sacerdotisa de perto, mas soube que ela estava lendo suas intenções naquele instante.

Pelos céus, que não demorasse muito, porque precisava de ajuda imediata.

— Quem está morrendo? — ela indagou.

Como sabia disso?

— Eu não sei o nome — admitiu. — Viajantes que me pediram por

socorro. Um menino foi mordido por uma cobra.

— Que cobra?

— Isso tem importância?

— Dependendo da espécie, não poderei fazer nada.

Aquela franqueza lhe arrepiou.

— Imploro que pelo menos alivie sua dor.

A mulher pareceu pensar. Provavelmente, por estar ali sozinha, aguardava alguém. Talvez alguém de algum templo ou o marido. Muitas sacerdotisas casavam e abnegavam do dom.

— Está certo.

O D O M

Momentos antes...

— Por todos os deuses que regem o universo! — Brandon exclamou.
— Como alguém pode reclamar tanto?

— Estou sem banho! — Samantha devolveu. — E você também! Quando me convidou para uma aventura, não me disse que passaríamos por lugares sem pousadas onde pudéssemos descansar e nos banhar! Que porcaria de aventura é essa que me deixa fedendo igual a uma porca?

— Você não está fedendo. Aliás, usa tanta lavanda que mesmo que ficasse anos sem se lavar, ainda teria o cheiro da flor.

Parecia um elogio, mas Samantha tinha por esporte a prática de reclamar de qualquer coisa. E ela não a perderia. Jurou a si mesma que faria da vida do irmão menor um inferno até que ele decidisse voltar para casa.

— Fico pensando... Nesse momento Vitor deve estar tomando banho para a hora do “*soninho*”. É triste perder os melhores dias de um sobrinho.

O suspiro audível de Brandon foi seguido por um bater forte na parede da carruagem. O transporte parou.

— Aonde vai? — ela indagou, quando o viu saindo.

— Vou socar algumas árvores para tentar não estrangular você — devolveu, e se afastou.

Socar árvores? Que cretino! Samantha odiava qualquer menção a destruição da Mãe Terra.

— Cuidado para as árvores não devolverem — retrucou.

A portinhola foi batida.

Fora do ambiente, Brandon trocou um olhar cúmplice com o cocheiro.

— Arrependido? — o homem questionou. — Uma viagem com mulheres é sempre difícil.

— Samantha é que é complicada. Não há ninguém como ela nesse mundo.

Enquanto Brandon se afastava, o cocheiro desceu. Estava louco para urinar e sumir por alguns minutos não faria nenhuma diferença. Assim adentrou na floresta.



A noite estava quente.

Samantha buscou pelo leque. Ergueu as madeixas e abanou na nuca. Havia suor ali. E, mesmo que Brandon dissesse que ela não estava cheirando mal, todo o corpo da mulher sentia-se imundo.

— Que raiva, Brandon — resmungou.

Quando deixaram Nunemesse ele lhe contou sobre um festival em uma cidade litorânea em homenagem ao Deus Sol. Provavelmente Brandon desejava despertar sua vontade por tal festividade, mas tudo que Samantha imaginava era o povo embebedando-se em vinho e orgias, enquanto ela enervava-se pela desonra as entidades.

Não era tão difícil honrar aos deuses!

Bastava respeitar o mundo e a si mesmo. Nenhum deus queria festas, apenas desejava bondade e misericórdia.

Mas, o alto clero incentivava tais práticas porque, provavelmente, elas davam lucro e simpatia.

Mais uma vez, que deus quer lucro ou simpatia?

Eles são Deuses, por favor! Com um estalar de dedos destroem todos os que respiram!

Ouviu passos. As palavras de indignação ficaram presas em sua garganta quando a portinhola abriu.

Não era Brandon nem sequer o cocheiro.

Um homem alto, bonito e forte surgiu diante dela. Ele tinha cabelos acobreados, o olhar escuro, e a pele pálida dos nobres.

Mesmo assim, ela sabia que pouca nobreza havia entre os homens poderosos. Entendendo o perigo, levou a mão até sua faca.

— Não me toque! — avisou. — Sou uma sacerdotisa consagrada à Mãe Terra.

A ameaça estava implícita. Se a tocasse e por acaso escapasse de sua faca, a deusa que cuidava do mundo se vingaria de qualquer ato por ela.

O homem negou com a face. Levou a mão ao seu pulso, explicando-se:

— Sou Finn, da Casa de Keelin. Eu preciso de ajuda.

Como se aquilo quisesse dizer alguma coisa!

Repentinamente, leu sua aura. Estava agoniada, num tom emergencial de laranja. Soube então que a urgência do homem era por uma questão de vida.

Puxou seu pulso, e manteve-se ereta.

— Quem está morrendo? — indagou.

Mais uma vez, mudança na cor. O confuso lilás apareceu diante dela. Uma cor que em nenhum momento simbolizava ameaça.

— Eu não sei o nome...

Ele não sabia o nome? E queria que ela o seguisse sem nem mesmo um dado básico?

— Viajantes me pediram socorro. Um menino foi mordido por uma cobra.

— Que cobra?

— Isso tem importância?

— Dependendo da espécie, não poderei fazer nada.

Percebeu o medo escancarado nele.

— Imploro que pelo menos alivie sua dor.

Samantha pensou em Brandon e se devia avisá-lo de que se afastaria. Contudo, ela não sabia onde o irmão estava.

— Está certo.

Ergueu-se do banco e desceu as escadinhas. Levou os olhos para o alto do coche e não havia ninguém.

— Você viu o cocheiro? — indagou ao homem.

— Quando cheguei, a carruagem estava sozinha.

Merda!

— Tudo bem — aliviou. — Provavelmente darão por minha ausência e me esperarão. Me leve ao moribundo — ordenou.

Seu tom foi de resolução e autoridade. E Samantha amava a si mesma quando representava bem aquele papel.

— Oh, uma coisa antes... — O homem murmurou. — Já sabe meu nome, mas ainda não sei o seu.

Ele havia dito o nome? Ela nem havia prestado atenção.

— Sou Samantha da Casa Nunemesse.

— Você é a filha que o pai ofertou?

Se aquilo fosse verdade, ele esganaria a si mesmo! Por pura preguiça de ficar para o confronto entre os candidatos, havia perdido a mão daquela beldade?

— Sou a irmã do homem que assumiu a casa — explicou-se.

— Qual o nome do seu irmão?

— Nós vamos ficar aqui fuxicando como duas matronas velhas ou você me levará ao doente?

Ele aquiesceu, percebendo que o temperamento da sacerdotisa não era fácil de lidar.



O mijo demorou mais que o previsto. O cocheiro voltou ao seu posto natural depois de uma bela cagada que limpou seus intestinos.

Sentou-se no alto do coche e buscou as rédeas. Logo, a figura de Brandon Balden apareceu, o olhar ainda em conflito e raiva.

Ele parou diante da portinhola e levou a mão à maçaneta.

Não a girou. Seus olhos elevaram-se até o cocheiro.

O outro riu, como se dissesse: “*assim são as mulheres*”... E então Brandon decidiu parar de brigar com a irmã.

— Samantha — chamou, do lado de fora. — Vou seguir com o cocheiro o restante da viagem, está bem? Se a Mãe Terra permitir, chegaremos ao litoral pela manhã.

Silêncio. Estava zangada e nem se dignaria a lhe dar um retorno.

Ficou irritado e emburrado.

Largou a maçaneta e subiu as escadinhas que levavam a parte elevada da carruagem, sentando-se ao lado do cocheiro.

— Ela não vai responder?

— Não — devolveu. — E não vou mendigar por uma resposta — resmungou. — Vamos embora.

Batendo levemente com as cordas nas costas do cavalo, a carruagem seguiu em movimento.



A carne que ficava em volta da picada havia putreficado. A febre estava alta e o garoto gemia, devido à dor e a fraqueza.

Nada disso, todavia, tirava a seriedade do rosto de Samantha.

Ela apertou o local da ferida, e viu um pus amarelado sendo expelido enquanto a criança retorcia-se de dor.

— Segurem o menino — ordenou.

O pai estava tão angustiado que não conseguia se mexer. Assim, Finn agarrou a criança nos braços e a manteve quieta.

— Está necrosado — ela disse. — Ao ser picado, o senhor devia ter furado com uma faca a pele envolta da ferida e chupado o sangue. Depois, cuspidor fora. Nesse estado, será difícil...

— Eu não sabia — o pai tentou justificar. — Eu não sabia.

Samantha se condoeu. Estava tão ansiosa por ter deixado seu lar, o irmão, Evelyn e o sobrinho para trás, que estava descontando sua frustração em todos.

Não era justo.

— Eu farei o possível — ela sorriu, tentando ser otimista. — Me tragam água. Preciso de sabão. O senhor tem em sua bolsa?

O homem concordou.

Ela limpou o ferimento, com muito cuidado, não querendo umedecer a ferida.

— Deixe o torso do menino elevado, não quero que o sangue suba para a parte superior... — murmurou. — Vou buscar algumas plantas para tentar salvá-lo.

— Plantas? — Havia descrença na voz do pai.

— Você é o sacerdote, por acaso? — ela retrucou, seu gênio

novamente a dominando. — Desculpe, volto em breve.

Finn se ergueu e seguiu com ela.

— Não preciso de acompanhante.

— Não é seguro andar pela mata sozinha, à noite — retrucou.

— Nesse local isolado? Aparecerá mais alguém precisando de socorro?
— ela riu.

E tinha um riso suave e lindo.

— Posso não ter surgido como o melhor dos cavalheiros, mas me deixe fazer essa cortesia.

Samantha assentiu e eles seguiram em direção à floresta.



A lua permitiu a sacerdotisa analisar as plantas disponíveis.

Ela agachava-se ao chão com frequência, retirava pequenas porções de verde, cheirava, mastigava, depois jogava novamente no chão.

— O que procura? — indagou, curioso.

— Parreira Brava.

Não conhecia aquela planta.

— E essa planta pode salvar uma pessoa de uma mordida de cobra?

— Quem sabe? — Samantha deu os ombros. — Terei que testar.

O homem ficou pasmo.

— Vai testar? Não tem certeza?

— Tratei duas pessoas mordidas por cascavéis em toda a minha vida. Ambas em Hilde, no deserto. Ambas, momentos após a mordida. Ambas eu furei a pele e chupei o veneno. Ambas sobreviveram. Agora, o menino ali é outro caso. O veneno já fez efeito.

— Você é de Hilde?

Ela agachou-se novamente no chão. Cheirou outra erva.

— É irmã de Baldon? Erick Baldon?

Só então o olhar dela volveu-se a ele.

— Conhece meu irmão?

— Sim, eu estive em Nunemesse quando queriam casar a feia — ele riu. — Então foi ele o “sortudo”? — gargalhou.

— Não faria ironia se a visse, agora. É uma mulher lindíssima. Eles já têm um bebê.

O sorriso dele murchou.

— Sinto muito pelos meus modos. Desejo felicidade ao casal.

Samantha não lhe deu nenhuma atenção. Em sua quietude, vasculhou um amontoado de ervas.

— Como sabe que essa tal Parreira Brava pode curar o menino? — indagou.

Céus, como queria conversar com ela. Era tão interessante! O tom da

voz, a maneira como ela entoava, sua completa indiferença à própria sensualidade...

— Um dia estava no campo e vi uma cobra morder um cavalo. O cavalo galopou para longe, levei algum tempo seguindo-o. Quando o achei, já havia se passado mais de uma hora, tempo em que normalmente eu consigo tirar o veneno de forma manual. Assim, queria ajudá-lo a ter um fim sem dor, por misericórdia. Quando o achei, estava pastando Parreira Brava. Essa não é uma planta que cavalos costumam comer, e vi isso como um sinal da Mãe Terra indicando que eu devia deixar a natureza fazer sua parte.

— E fez?

— O animal está vivo até hoje.

Repentinamente, ela deu um pulinho.

— Achei!

A S Ó S

Foi um custo fazer a criança mastigar a planta. O menino já estava delirante, e parecia em agonia final. Mesmo assim, Samantha enfiou as ervas em sua boca e o ajudou a mover o maxilar.

Por fim, ele engoliu as ervas. Quando fechou os olhos, todos esperaram que fosse a morte a ceifá-lo, mas foi apenas um sono confortador que o tomou.

Depois disso, os três aguardaram. Cada um de um lado, repousados em troncos, eles cochilavam alguns minutos e depois acordavam assustados para verificar se a criança ainda vivia.

Quando o sol ardeu nos olhos femininos, Samantha sentiu o impacto de um dia que começava. Correu até o corpo do menino, e o encontrou dormindo profundamente.

Sem febre.

Sorriu. Mais uma vez a Mãe Terra lhe havia ajudado a cuidar de uma pessoa.

— Ele está bem? — o pai indagou, às suas costas.

— Sim. Mas, por precaução, deixe-o descansar mais alguns dias antes de prosseguirem viagem. Faça-o beber bastante chá de Parreira Brava para eliminar todas as toxinas do veneno, e caso ele volte a ter febre, faça-o mastigar novamente as folhas.

O homem assentiu.

Mais afastado, Finn, já acordado, observou as instruções. Ela era uma

mulher maravilhosa e sábia. Era impossível não ficar encantado.



— Eu já disse que não era necessário me acompanhar até a carruagem.

Ele sorriu. Com certeza reconhecia sua independência. Contudo, para ele era importante aproveitar todos os segundos que pudessem ao lado dela.

— Nunca havia visto uma sacerdotisa trabalhar, antes — contou. — Fiquei deslumbrado.

— Por quê? — O olhar dela pareceu conflituoso.

— Em nenhum momento vi desespero em seu semblante. Você dava tanta confiança a todos nós que o medo parecia algo infantil.

Samantha riu. Chegaram a uma elevação e começaram a subir mais vagarosamente.

— Vou assumir algo: temi não conseguir — confessou. — Nem sempre a cura dá certo, às vezes é desejo dos deuses que a pessoa morra e nada posso fazer.

— Apenas a sua presença já é confortante — retrucou, em contrapartida. — No dia que eu morrer, gostaria que estivesse ao meu lado.

Ela gargalhou. Mais uma faceta que ele admirou. Ela conseguia ir da

raiva ao riso de forma icônica.

Chegaram à estrada. À luz do dia o trajeto foi feito mais rapidamente.

— Foi aqui que me encontrou ontem?

A indagação dela tinha um propósito. A estrada estava deserta.

— Eu tenho certeza — ele afirmou. — Olhe as marcas das rodas — apontou.

Deu-se conta, assim, de que Brandon havia partido sem ela. Sentiu a raiva a dominá-la, e uma vontade absurda de esganá-lo a tomá-la.

O CAMINHO

Em Nunemesse não havia como se banhar no mar. Abaixo dos enormes penhascos, rochedos quebrariam em dois o primeiro insano que se sujeitasse a atirar-se de lá.

Mas, ali, naquela parte do reino, o mar azul-esverdeado, com ares de magnífica criação e beleza, fazia o ar faltar a Brandon.

— Nunca vi nada tão belo.

A admiração do cocheiro era compartilhada pelo caçula dos Balden.

Brandon sorriu diante da extensão de areia clara onde as ondas pareciam tocar como um homem deve tocar a mulher amada.

Desceu da parte alta da carruagem, e bateu na portinhola.

— Samantha, venha ver — a chamou.

Deu três passos em direção à praia. Havia várias estátuas de deuses diversos e algumas pessoas deitadas sobre a areia. Claramente na noite anterior havia ocorrido alguma festividade.

Sentiu a presença do cocheiro e sorriu para ele.

— Senhor? — o homem pareceu surpreso. — Aqueles lá estão nus? — apontou um grupo de pessoas deitadas juntas, bem ao fundo da cena.

Brandon apertou os olhos, dando mais uns três passos.

Repentinamente, o movimento habitual do sexo o assustou. Enrubesceu.

— É uma orgia... — murmurou, dando-se conta imediatamente de que era algo que não seria adequado aos olhos pueris da irmã.

Correu para a carruagem.

— Samantha, não saia — avisou.

Fez sinal para o cocheiro voltar ao coche quando percebeu algo que até então não havia notado. Quantas horas fazia que a irmã não lhe irritava? Samantha não era de manter-se quieta, mas desde a briga na estrada, não havia dito uma única palavra.

Abriu a portinhola.

Sentiu as pernas bambearem quando percebeu a parte interna completamente vazia.



— Eu vou matá-lo! — Ela gritou.

Finn teve a nítida certeza que se pudesse sairia correndo dali. Samantha era estranhamente assustadora quando zangada.

— Com certeza ocorreu algum imprevisto. Seu irmão jamais a deixaria...

— Você está defendendo Brandon? — Seu ódio focou-se nele que negou imediatamente.

Por fim, ela pareceu respirar. Finn notou que se Samantha se zangava sozinha, devia se acalmar sozinha também.

— O imbecil nem deve ter notado que eu saí da carruagem!

Finn concordou.

— Posso levá-la novamente a Nunemesse — ofereceu-se.

— Se Erick souber disso, irá punir Brandon. Esse tipo de erro não é tolerado pelos Águias.

— É mesmo?

— Nosso povo protege as mulheres.

Ficou fascinado, novamente. Um povo tão diferente do dele. Bom, pela maneira de se portar de Samantha, isso já era algo que ele supunha, mas vê-la declarando foi de uma experiência única.

Ah... como ele queria ter nascido em Hilde!

— Então vamos procurar seu irmão Brandon — ele avisou. — Irei protegê-la até que se encontrem.

O olhar de Samantha parecia dizer “*Quem precisa de sua proteção?*”, mas ela não o contradisse.

— É o mínimo que espero de você, já que foi por sua culpa que deixei a carruagem.

Tão linda e sábia! Tão felina e cruel!

— Você é uma mulher de muitos contrastes — ele murmurou.

Samantha deu alguns passos em direção ao caminho em que a carruagem provavelmente teria ido.

— Brandon me ama, eu o criei. Com certeza aconteceu algo — murmurou. — Vou atrás dele.

— Preciso antes ir pegar Tormenta.

— O que é Tormenta?



— Oh, você é a coisinha mais linda que eu já vi.

Finn arqueou as sobrancelhas um tanto pasmo pelas palavras. Primeiro que Tormenta não era exatamente um cavalo bonito. Era mais agressivo e assustador. Mas, o alazão pareceu aceitar as palavras e o beijinho leve no focinho com fascínio.

“Ah, ela também te enfeitiçou?”, Finn indagou em pensamento, enquanto via a mulher acariciar o pelo do animal.

— Gosta de bichos?

— Gosto de todos os animais. São a criação da Terra Mãe.

Finn assentiu.

— Para onde iam, seu irmão e você?

— Brandon queria ver as festividades no litoral.

Era compreensivo. O litoral, naquela época, era um convite aos homens solteiros.

— E você não? — ele pareceu surpreso. — Como sacerdotisa, acredito que goste dos rituais ao Deus Sol?

— Sou mais espiritual que religiosa — devolveu. — Não me importo com rituais ou regras.

Ela deixou o cavalo e volveu-se para ele.

— Você parece bastante fascinado pelo meu dom.

Não pelo dom. Por ela. Contudo, dizer tais palavras quando estavam ali, sozinhos, poderia assustá-la e ele não desejava isso.

— Como foi consagrada? Houve um ritual?

— Houve sim, no deserto.

— Se incomodaria de me contar? Nunca soube como ocorriam esses momentos.

Ela riu. Mais uma vez a fileira de dentes brancos o deixou fascinado.

— Não é como imagina. Não foi em um templo. Nem pelas mãos de um sacerdote. Na infância, quase na mocidade, eu estava brincando com meus irmãos nas dunas e uma mulher apareceu. Outra sacerdotisa. Ruiva, olhos verdes... Eu nem poderia dizer o tamanho de sua beleza em palavras, porque não há tais para descrevê-la. Enfim, ela pousou as mãos sobre mim e me disse...

— Disse?

— Disse que eu era instrumento da Mãe para cuidar daqueles que precisavam.

Ele não escondeu a surpresa.

— E todos acreditaram? Ou teve testemunhas?

— Eu estava escondida dos meus irmãos, sozinha, quando aconteceu. Mas, quando contei a meu pai, ele acreditou. Depois de alguns dias houve um surto de doença na aldeia e eu tive instinto em pegar as plantas certas, e fazer os chás certos. Ninguém morreu.

Finn sorriu.

— Sua história é incrível. Imagino sua importância para os Águias.

Ela concordou.

— Foi por isso que nunca casou? — a pergunta a seguir fê-la arregalar os olhos.

— Como sabe que nunca casei?

— Você não parece uma mulher que já foi submetida ao domínio de um homem.

Ela gargalhou.

— De fato, isso nunca acontecerá. Homem nenhum tem poder sobre mim. E, com meu fardo, homem nenhum deverá me pedir em casamento. — Breve silêncio. — E mesmo que algum peça, eu recusarei, porque ser sacerdotisa é minha primeira escolha.

O VENENO DA NOITE



A luz do sol já estava em seu poente quando eles chegaram ao seu destino. Não exatamente no litoral, mas num vilarejo pobre que parecia movimentado demais para uma noite quente como aquela.

— O que aconteceu? — Samantha questionou.

— Eu nunca errei o caminho antes — Finn se defendeu.

E de fato, ele nunca errou. Sua mente havia sido embaralhada pela mão do destino que colocou a ambos no lugar que precisavam estar.

Não que fossem destinados ao fedor de porcos e a miséria do ambiente, mas a necessidade espiritual do lugar era mais urgente do que as festas sem serventia no litoral.

— Com licença — Finn chamou um camponês que caminhava rápido.
— Saberá dizer onde há uma pousada por aqui?

O homem pareceu não gostar de ser interceptado, mas respondeu.

— Não tem nenhuma.

— Onde podemos conseguir pouso?

Dessa vez não houve respostas. O movimento intenso de pessoas fez Finn voltar-se para Samantha.

— Algo está acontecendo — ele murmurou.

— Vamos com eles!

A exclamação seguiu-se a excitação no olhar. Samantha estava extremamente curiosa e não conseguia esconder aquilo dele.



— Existe uma Deusa que rege essa terra!

A voz alta e firme de um homem ruivo em um palanque de madeira arrepiou Samantha. A aura que ela visualizava era uma mistura do preto e do vermelho. A impetuosidade mesclada à raiva.

— É o clero? — Finn indagou. Jamais havia visto sacerdotes com

aquelas roupas.

Roupas encarnadas como os cabelos.

— Não o clero habitual.

O homem no palanque pareceu acalmar-se um pouco, e então indagou aos cidadãos que se exprimiam num ambiente pequeno diante de um casebre para ouvi-lo falar.

— Não perceberam que o calor está a cada dia pior? É essa deusa, nervosa por ver nossa terra imunda, que está esquentando a terra.

Imunda...

Era a primeira vez que Samantha ouvia tal palavra naquele sentido.

— Ruiva! A Deusa Mãe, a Ruiva!

Sentiu o ar faltar de seus pulmões. Seu olhar encontrou o de Finn que pareceu impressionado.

— Estamos avisando a todos. O calor vai piorar se a imundície não sair dessa terra. De Masha!

Mais uma vez, o inédito. Aquele nome pronunciado pela primeira vez aos ouvidos atentos de sacerdotisa. Mesmo assim sentiu o coração palpitar com força à sua menção.

— O clero atual não se importa. Nesse momento estão bebendo e fazendo orgias no litoral enquanto o povo aqui padece!

Era verdade. Tudo até então o que aquele homem dizia era verdade. Viu-se a dar passos trôpegos em sua direção. Finn não a conteve porque sabia que o que a atraía era espiritual.

Samantha queria falar com ele. Queria ouvir o que ele sabia! Descobrir a verdade.

Repentinamente, contudo, o dedo do homem apontou para ela.

— Madeixas negras! Pele branca! Você não pertence a esse lugar! Você devia ir para Bran! Bran é seu lugar!

Houve um súbito estado de alerta na mulher. A voracidade sumiu. Restou a raiva na aura do homem. A indução ao erro. Até então ele podia estar dizendo a verdade, e era com a verdade que ele chamou sua atenção. Mas, depois disso, despejava mentiras e queria fomentar o ódio.

Ela o sentia...

O maligno...

— Você — Samantha apontou o dedo em sua direção. As pessoas em volta deles pareciam curiosas. — Você é mau.

— Eu sou a verdade, a luz sobre o povo.

— Você conseguirá — profetizou. — Não agora, não nessa existência, mas um dia convencerá aos ruivos de que eles são puros e de que negros e brancos de cabelos escuros devem ir embora. Mas, ainda não é sua hora. Ainda haverá aqueles que lutarão contra ti.

Samantha soube, tão logo disse as palavras, que o homem diante dela sabia de tudo isso.

Era questão de tempo. Mas, não tempo dela. Era uma luta cósmica que estava começando e que se estenderia até o final dos tempos.



Aquele embate entre a sacerdotisa e o novo clero foi um espetáculo aos aldeões. Contudo, a mulher tinha a vantagem de já ser de uma Deusa conhecida. A Terra Mãe dava as pessoas o fruto para comer, a água para beber e a terra para viver.

A tal Deusa Masha não lhes dava nada. Assim sendo, foi com cumplicidade que ficaram do lado dela.

Quando tudo finalizou, Samantha e Finn foram chamados à casa de Arturo, um aldeão que parecia o líder do lugar, para comerem um ensopado.

— Que lugar é esse?

— Nosso povoado se chama Laxe.

— Laxe? Não é a ponta de uma enxada?

— Sim, uma homenagem ao instrumento que nos auxilia a plantar.

A esposa de Arturo trouxe o ensopado até a mesa de madeira. Finn e Samantha estavam exaustos e famintos. Comeram com sofreguidão.

— Tem onde passarem a noite?

— Não. Nós nos perdemos pelo caminho. — Finn explicou.

— São casados?

A pergunta pareceu estranhar a ambos. Era como se a resposta afirmativa fosse o mais óbvio.

— Sou sacerdotisa e ele...

— Sou apenas um guardião — Finn antecipou-se. — Estávamos indo para o litoral.

— Oh, entendo. Pegaram a estrada à direita, não?

— Tenho certeza que pegamos a esquerda na encruzilhada...

— Se tivesse pegado a esquerda, teriam chegado ao litoral.

Samantha e Finn se encararam, como se tentassem se lembrar do caminho. Mas, a imagem não era nítida na mente deles.

— Então, sacerdotisa — Arturo riu. — Teremos que ir embora de nossa terra — brincou, apontando o próprio cabelo e pele escura.

— São palavras de um homem insano. — Finn rebateu.

— Você não se preocupa porque seu cabelo é quase ruivo — Arturo brincou. — Mas, sabe — Subitamente, sério. — Aquele nome que ele disse...

— Masha?

— Isso. Eu me lembro de tê-lo ouvido de minha avó...

Por algum motivo, Samantha também sentia algo instintivo diante do nome.

— Eu também sinto que esse nome não me é estranho...

Houve silêncio após isso.



Arturo era um homem simples, e simples era também sua casa. Apesar de ter oferecido comida aos viajantes, ele não tinha um quarto disponível para eles. Mesmo assim, ajeitaram cobertas no estábulo e o feno serviu de cama.

Era apenas uma noite, Samantha disse a si mesma.

No dia seguinte, voltariam ao trajeto percorrido e encontrariam o lugar certo para chegarem até Brandon.

Seu companheiro de estrada deitou-se afastado dela, do outro lado do estábulo. Parecia exausto, mas se mostrava forte. Havia cedido Tormenta para ela montar e em nenhum momento lhe permitiu fazer esforço.

Se não soubesse sua origem, diria que era um Águia. Um homem bom.

Só então, analisou sua aparência. O cabelo era acobreado, quase um ruivo escuro. Os olhos, negros, pareciam muito misteriosos. Ela sentia que havia dor nele, mas era tão mascarada por uma vida fictícia que jamais descobriria a origem.

E era grande. Tal qual Erick. Grande mas não assustador, como o irmão. Não tinha rompantes nervosos, nem estresse. Sempre doce, sempre gentil, mesmo quando ela perdia a paciência e reclamava.

Um homem pelo qual, se pudesse, sentiria algo.



— Sam...

A voz ao longe fê-la sorrir. Erick ou Brandon. Aquele apelido tão pouco usado, mas que sempre lhe rementia a infância feliz com os irmãos.

— Samantha!

Não eram os irmãos. Abriu os olhos e deparou-se com Finn a remexendo com força.

— O que foi?

— Saí para buscar algo para comermos e... — sua voz interrompeu-se por alguns segundos. — Não há como explicar. Você precisa ver isso.

Ver o quê? Enquanto ajeitava o vestido e penteava os cabelos com os próprios dedos, Samantha seguiu Finn.

Na parte externa do estábulo, o vilarejo, agora à luz do dia, parecia ainda mais miserável e triste. Contudo, não foi isso que lhe chamou a atenção.

— O que aconteceu aqui? — murmurou.

Dezenas de corpos se estendiam, em mortalhas, pela estrada. Mais da metade das pessoas dali haviam morrido durante a noite.

— É a tal deusa ruiva — ouviu um grito e soube que o propósito dos homens da noite anterior era provocar histeria.

Não, não fora a Deusa Ruiva. Então, como eles haviam matado aquela gente?

— Há alguém doente? — gritou.

Logo o povo se aproximava. Uma sacerdotisa era sempre um sinal de esperança.

— Muitos doentes, minha senhora.

Sentiu uma mão a puxá-la. Era Arturo.

— Minha esposa está morrendo.

A mulher que havia lhe servido a comida na noite anterior agora

parecia agonizar na cama. Samantha reconheceu os sintomas tão logo a viu.

— Ela foi buscar água ontem, no poço?

— Sim, como sabe? — Arturo indagou. — Todos buscam água de noite, pois é mais fresca.

— O poço está envenenado — disse a Arturo. — Espalhe a notícia. Mande captores atrás daquele homem do clero. Com certeza foi aquele grupo de vestimentas vermelhas que fizeram isso.

Deu a volta. Atrás dela, Finn continuava a segui-la. Era como se a estudasse, um aprendiz. Ela sorriu diante da ideia.

— O que vai fazer?

Samantha puxou o balde do poço. Com um copo de madeira bebeu um gole de água.

— Está louca? — Finn quase gritou.

— Se existem sobreviventes, é claro que é necessário uma alta dose da água para matar. — Explicou. — Está amarga. — constatou. — Minha boca arde...

— O que acha que é?

— Filhos da puta! — murmurou, revoltada. — É Oleandro. Não há cura. Ou, ao menos, eu desconheço uma. Os mais fortes e que ingeriram pouco poderão sobreviver. Os demais, apenas poderei ajudá-los a ter um fim sem muita dor.

Era fria, quando falava assim. Mas, Finn conseguia ver em seu semblante a misericórdia escondida em dor.

Repentinamente, ela olhou para Finn.

— Você pode ir — antecipou-se. — Sei que planejava me levar até meus irmãos, mas eu não deixarei essas pessoas. Ficarei na aldeia até que o último doente melhore.

Ele a admirou mais que nunca.

— Então eu ficarei ao seu lado.

Uma promessa que a estremeceu.

A MISSÃO

Aquela mulher estava num tom amarelado que Finn logo entendeu que não teria muitas horas de vida.

Samantha aproximou-se dela, e derramou um chá de ervas verdes em sua boca. A água havia sido providenciada de um poço de uma propriedade longe. A cada hora surgia uma carroça com um tonel de água.

O poço da aldeia estava inutilizado e era necessário que fizessem outro rapidamente.

Todos passaram a se ocupar com isso. Enterrar os mortos, fazer o poço, torcer pelos sobreviventes.

Finn aproximou-se dela, ajudando-a a sentar a mulher. Logo, uma gosma marrom escuro saiu da boca da outra. Eles a curvaram para o lado e deixaram que ela derramasse o vômito dentro de uma bacia.

— Isso é bom. — A voz de Samantha fez Finn encará-la. — O veneno costuma ficar no estômago. Quando vomitado, é eliminado.

Estavam a uma semana cuidando das pessoas. Finn aprendeu mais naquele curto espaço de tempo do que em todos os anos da sua vida.

— A babosa ajuda a cicatrizar as feridas — ela apontou. — Você precisa cortá-la assim e pegar a sua seiva.

A seiva gosmenta foi raspada com uma faca. Samantha lhe explicou

que a babosa também ajudava contra os piolhos. A babosa era o remédio dos remédios.

E eles usaram bastante água com babosa naqueles dias. E tiveram sucesso.

Não que tudo foi alegria. Houvera mortes, mas num número muito inferior ao que teria se Samantha não estivesse ali.

Samantha...

A cada dia que passava, mais ele admirava aquela mulher. Era tão astuta, tão autoconfiante. Sua simples presença acalentava e acalmava as pessoas. A ele, mais que todos.

Mesmo assim, foi com crescente horror que se imaginou casado com ela. Não porque não fosse linda ou desejável. Mas, porque ela pertencia a fé que escolheu. Não era direito dele tentar tirá-la dessa vida.

O amor não devia ser egoísta...

O amor...

Poucos dias antes ele acreditava que aquele sentimento nem existia. Agora, nos dias que passava ao lado da mulher cuidando de moribundos, e nas noites que a via ressonar sobre o feno, exausta, mas com uma paz interior invejável, ele entendeu que nunca sentira por ninguém o que estava nutrindo por aquela sacerdotisa.



Para tristeza de Samantha, os sentimentos de Finn não eram unilaterais.

Ela sentia-se a cada dia mais inclinada ao nobre.

Por que, pelos céus, ele queria tanto aprender sobre a arte da cura? Por que demonstrava a mesma curiosidade que ela tinha quando as plantas passaram a fazer parte da sua vida?

Como um homem como ele, acostumado ao luxo, não se enojava em ver um doente vomitando, ou um velho defecando nas calças?

Ele agia como um exímio sacerdote. Teria o mesmo dom de cura que ela, caso pudesse seguir aquele caminho?

Mas... Ele não podia.

Não haviam falado daquilo ainda, mas ela sabia... Ele não podia.

Ela sentia que o caminho de Finn lhe levava ao oposto ao do dela.

Sorriu, triste, enquanto verificava algumas plantas que usaria para remédio no dia seguinte.

Havia perdido o amor antes mesmo de encontrá-lo.



— Vê isso?

Finn abriu a boca pasmo.

— São larvas?

— São sim — ela assentiu. — Precisa tirá-las antes de passar o unguento. Normalmente eu uso uma pinça, mas não tem nenhuma por aqui. Então, vou usar os dedos.

O velho senhor que a havia procurado alegando fortes dores numa perna, e lhe mostrara uma ferida aberta que estava claramente infeccionada, gemeu quando ela pôs dois dedos dentro do buraco cheio de pus.

— O senhor precisa se lavar — ela avisou.

Finn quase riu. Aquele tom de ordem ela usava com todos. E mesmo alguém velho como aquele homem a respeitava como se estivesse diante de uma rainha.

— Lavar com ervas?

— Lavar com água e sabão. Banho todos os dias, entendeu?

— Todos os dias? — o espanto do homem não passou despercebido.

O banho não era algo muito agradável para a maioria das pessoas. Samantha e ele, pelo jeito, se encaixavam no outro grupo.

Quando ela terminou uma atadura com tecido limpo e mandou o homem embora, Finn sentou-se em um banquinho no estábulo e ficou a observando limpar as mãos.

— Sua vida é sempre assim? — ele perguntou.

— As pessoas não costumavam ficar doentes em Nunemesse e Hilde. Eu prevenia a doença, assim não precisava de cura.

— Prevenir?

— Indicava, por exemplo, no inverno, comerem muitas laranjas e tomarem muita sopa de vegetais. Isso evita os resfriados.

Ela deu um risinho baixo e ele arqueou as sobrancelhas, curioso.

— O que foi?

— O maior remédio é o banho. Se limpar com água e sabão todos os dias evita uma infecção de pele como essa que você acabou de ver.

— E como você convence o povo a se banhar?

— Eu dizia que a sujeira atraía demônios.

Ele soltou uma sonora gargalhada.

— Uma sacerdotisa pode mentir?

— Às vezes é necessário.

Era difícil controlar a vontade de arrebatá-la nos braços quando estava assim, tão graciosamente aberta a conversa que estavam tendo.

Mal percebeu quando deixou o banco e caminhou na sua direção.

Samantha o encarou, havia uma curiosidade eloquente em seu olhar, mas ela não retrocedeu. Quando ele a segurou nos braços, tudo que fez foi fechar os olhos...

... Porque ela o queria.

Eram segundos curtos de um momento que levariam para sempre. Um beijo gentil e sincero, característica de ambos. Um conforto que os acalentaria na velhice. Um tocar de lábios que iniciava um turbilhão de sensações.

O D E V E R

Durante à tarde, as nuvens começaram a se tornarem densas e escuras. A chuva chegou tão logo o sol desapareceu. Aquela noite parecia um convite ao sono, mas Samantha e Finn não estavam dispostos a dormir.

Sentados um diante do outro, as palavras que antes pareciam tão difíceis, agora eram declaradas sem timidez.

— Keelin é um feudo tão próspero quanto Nunemesse — ele contou. — Tem grandes parreirais de uva, e plantamos por léguas trigo e milho. Existem duas nascentes de água pura, e expectativa de crescimento. É um povo forte, vigoroso. Você iria adorar...

— Finn...

— Samantha — ele parecia querê-la trazê-la à razão. — Eu nunca a impediria de ser sacerdotisa. Nunca a impediria...

— Se eu for sua esposa, estarei em suas mãos. Se quiser me impedir, impedirá.

— Não farei isso.

— Agora? Não, não faria. Mas, e quando tivermos filhos e você tiver que cuidar das crianças para que eu saia sem retorno certo? E se houver um surto e você temer pela minha saúde? O meu caminho não é o caminho de uma esposa.

— E temos que sacrificar o que sentimentos um pelo outro?

— Eu tenho que sacrificar? E você? Por que você não sacrifica? É tão terrível assim abandonar a vida luxuosa de Keelin e seguir comigo pelo meu

caminho?

— Não posso — foi tudo que disse, e aquilo cortou o coração dela.

Nunca havia sentido aquele tipo de dor. Sentiu as lágrimas nos olhos, mas recusou-se a derramá-las.

— Eu faria tudo certo. — A voz masculina a atingiu. — Falaria com Erick, um casamento dentro das leis sagradas da Mãe Terra.

— Você não entende? Essa não é uma escolha dos meus irmãos. É minha! Eu tenho uma missão, uma fé!

Subitamente, ela ergueu-se, preparada para deixá-lo para trás. Todavia, foi segurada pelo pulso.

— Eu tenho uma irmã... Megan — ele contou.

Samantha percebeu que precisava ouvir o lado dele. Assim, ela voltou ao local de origem.

— Nunca me disse isso...

— Eu tinha três irmãos, na verdade. Mas, dois morreram num acidente. Megan foi tudo que restou. E eu não posso desampará-la.

— Como assim?

— Lembra-se do que o antigo senhor de Nunemesse fez a filha? Quis trocá-la pelo feudo. Meu pai faria até pior... ele a venderia ao melhor preço. Eu preciso voltar e assumir o feudo, porque é a única maneira de proteger Megan.

Samantha entendia aquilo. Compreendia a magnitude do amor familiar. Todavia, não poderia sacrificar-se por ele.

— Se eu pudesse, eu seguiria com você — ela murmurou. — Mas, eu não posso.

Finn assentiu, o olhar baixo, lágrimas brotando em seu íntimo.

— Você é tão responsável — ele murmurou. — Tão corajosa. Ensinou-me isso também, pelo tempo que aqui estive.

Lentamente, ele ergueu o olhar para ela.

— Eu também, Sam... Eu seguiria contigo até o inferno, se pudesse. Mas, igualmente, eu não posso.

Ela sorriu.

— Então é o fim.

Concordaram. Arrasados, cada um voltou-se ao próprio feno. Lá fora os trovões ecoavam.

O céu chorava pelos dois.



Naquela manhã, após ajudar dois doentes, ela foi chamada às pressas para a casa de um ancião. Ao chegar ao local, encontrou uma jovem de mais ou menos vinte primaveras, que alegava sentir-se mal, mas tinha as bochechas rosadas e o semblante saudável.

Samantha reconhecia uma mentira de longe. Mesmo assim aceitou atender a jovem, antecipando que o que a menina desejava era sua consulta particular.

— Eu sinto dores no estômago — a moça murmurou. — Pode me

receitar ervas...?

Não era preciso ler a alma da mulher para saber o que ela desejava.

— Há quanto tempo está grávida?

O olhar da garota arregalou-se, mas ela não negou.

— Não posso ter um filho.

— Por quê? Muitas outras na sua idade têm.

— Você não entende...

— Foi abusada? É isso?

— A criança é filho do meu namorado — contou, enrubescendo. — Mas, ele é pobre... Eu sou pobre... O que resta a essa criança se não a miséria?

Samantha pareceu pensar.

— Por que basta uma criança ser pobre para que despejem desculpas como essa? — indagou. — Se você quer saber quais ervas usar para tirar uma vida inocente terá que fazer melhor que isso — afirmou. — Convença-me ou eu irei embora.

O olhar da mulher se acuou.

— A pobreza não é o suficiente para você? Como ser feliz sendo pobre?

— Já vi ricos infelizes. Eu sou sacerdotisa, fiz abstinência de riquezas, assim nada tenho. Sequer uma casa. Vivo de favor na casa de meu irmão, mas se um dia ele quiser que eu vá embora, eu não terei sequer um casebre. E nem por isso desejo morrer.

— Não sabe que a maioria das crianças que crescem na pobreza se tornam bandidos?

— Sim. Alguns. Mas, já vi mais criminosos dentro de castelos bem decorados do que nos vilarejos que atendi. Aliás, sou membro de um clã que vivia em Hilde. Já passamos fome. Já comemos o resto da carcaça de um animal. E nenhum de nós é mau.

A menina lacrimejou. Samantha se ergueu.

— Suas lágrimas tampouco me convencerão. Não serei cúmplice da morte de uma vida por causa de um choro fingido. Você fez essa criança por sua própria vontade, portanto a tenha.

— O pai não quer!

— Problema dele. Não terá o prazer de ver seu próprio fruto dando seus primeiros passos, ou falando sua primeira palavra. Nunca será chamado de pai. Mas, assim são os homens. Muitas mulheres me procuram com a mesma justificativa. Algumas, até casadas. Certos maridos perdem o interesse quando a esposa começa a inchar e engordar. Contudo, como mulheres, crias da Mãe, é nosso dever gerar a dádiva que nos é dada.

— Esse inseto não é uma dádiva.

Samantha percebeu a névoa negra. A maldade que impunham todos aqueles que sentiam prazer na destruição da natureza.

— Mesmo o mais pequeno dos insetos é uma dádiva — murmurou. — A mulher é um ninho onde, algumas, recebem uma vida. Elas são, como todas as fêmeas da natureza, a graciosidade da criação. São elas que perpetuam a vida.

Preparou-se para deixar o quarto.

— Não farei nada contra um bebê, mas desejo que reveja seus conceitos e possa criá-lo com o amor que toda criança merece. Caso não aconteça, quando a criança nascer me procure e me entregue ela. Eu a criarei.

Contudo, assim que puxou a porta, ouviu a maldição.

— Tomara que você pegue barriga — a garota desejou. — Espero que

engravidar e passar pelo mesmo que eu.

Samantha quase riu. Subitamente pensou em um menino com os cabelos lisos de Finn ou com sua personalidade latente. Ah, como ela gostaria... Mas, seria impossível.

Nunca poderia ter uma família...

U M C O M E Ç O

— Como está se sentindo vovó? — Samantha lhe alcançou um copo com chá.

A velha que vivia solitária numa casa afastada, nos limites do vilarejo, sorriu diante da pergunta preocupada.

— Graças a você, muito bem querida.

A sacerdotisa então se levantou, preparando-se para deixar a casa. Ainda havia mais doentes para ela visitar, naquele dia.

— Quanto tempo pretende ficar em Laxe?

— O tempo suficiente para que todos fiquem bem — a tranquilizou. — Parece preocupada com algo — constatou, depois.

— Sabe os homens que dizem que envenenaram o poço? — a velha perguntou.

— Sim.

— Um deles esteve aqui antes daquela audiência tenebrosa. Ele me disse que há uma terra para alguém como eu, de pele preta.

— Sim, há. E essa terra é aqui, onde a senhora nasceu e viveu toda a sua vida.

Ela negou.

— Disse que o lugar se chama Cashel. Você já ouviu falar de algum

lugar assim?

Samantha negou.

— Eu acredito que essa terra é de todos nós. Não serão esses lunáticos que me tirarão daqui. Nem deve pensar nisso, vovó.

— Já sou muito velha. Sei que morrerei antes que eles corrompam a todos com esses pensamentos malditos de separação entre os povos. Mas, preocupa-me meus filhos e netos.

Samantha entendeu que precisava aliviar aquela agonia. Sentou-se ao lado da anciã, naquele leito artesanal.

— Eles vão conseguir envenenar as pessoas — ela contou. — Mas, ainda levará muitos anos. Provavelmente nem meus netos verão tal tristeza. Porque esse tipo de ideologia não infecta as pessoas de imediato. Precisarão de muitos desastres para que enfim o povo se curve a isso.

— Desastre?

— O dia que o verde dessa terra murchar — declarou. — Quando tudo secar e a água rarear, ali será o momento do maligno dominar.

A anciã agradeceu a explicação.

— Então ainda teremos muitos anos para que isso ocorra. Que a Terra Mãe nos ajude.

— Ajudará — ela sorriu, confiante.



No caminho de volta, Samantha parou diante de um pomar. O lugar estava deserto, mas ela aproveitou para comer algumas amoras. Era um fruto doce que sempre a agradou.

— Como você está? — a pergunta era preocupada.

Volveu o olhar e deparou-se com Finn. Ele a havia seguido até ali.

— Me corroí de culpa a manhã toda — ele despejou, sem deixá-la responder.

Aquela confissão a pegou desprevenida. Afastou-se da amoreira e aproximou-se dele.

— Mas não foi sua culpa. — afirmou. — Nós não temos culpa por deixar algo tão intenso aflorar entre nós.

— Vai me odiar se eu insistir que seja minha esposa?

Ela lhe deu um sorriso.

— Se tem algo que aprendi nesses dias ao seu lado, é que não importa o quê... Jamais o odiarei.

Finn não resistiu. Beijou-a, apaixonado. Sabia que não era certo, que Samantha era uma mulher de família, uma sacerdotisa, e que ele não devia se atrever a tocá-la daquela forma. Todavia, o cheiro gentil da lavanda, o gosto

suave da amora e a maciez daquela pele eram ingredientes básicos para qualquer desejo.

Ah, e estava ardendo por ela...

Desde que a viu sentada na carruagem, desde que a viu inclinada sobre as ervas, à procura de algo para salvar o garoto, desde que ela enfrentou o clero pelo que acreditava...

E para sempre estaria.

— Samantha... — tentou retomar o controle, se afastando. — Eu sinto muito.

Contudo, seus passos que retrocediam foram interceptados pela mão firme da jovem mulher, em seu braço.

— Não precisa. Eu não me arrependo de nenhum beijo, de nenhum olhar em sua direção — confessou. — Sua lembrança é tudo que me restará quando isso acabar. Quero que ela seja mais do que um simples beijo.

Ele a olhou com ar triste, mas no fundo de seus olhos se podia ler que também a desejava.

Segurou suas mãos. Puxou-a em direção a mata densa. Um caminho sem volta.



Finn percorreu as curvas do seu corpo até alcançar o lugar que poderia lhe dar alguma certeza. Não estava sendo enganado. Ela também lhe queria com a mesma necessidade que o homem nutria.

As saias de Sam estavam na cintura, e as coxas delgadas e pálidas, abertas para ele, pareciam uma imagem irreal de um sonho. Finn não queria acordar.

Deixou que seus dedos se fechassem entre as pétalas femininas. Ela gemeu, quase puxando-o, querendo mais do que ele estava lhe oferecendo.. Assim, Finn buscou sua boca, mas uma réstia de razão o dominou e logo tentou se afastar.

— Samantha, eu posso ferir você em todos os sentidos! — Aquela confissão era mais que um lembrete de que a primeira vez de uma mulher doía. Era a constatação de que ele, como homem, era um desastre. — Eu a quero muito Samantha, mas...

Ao contrário do que esperava, Samantha riu.

— Conheço todos os seus defeitos, senhor Keelin — contou. — Vejo a sua dor. Sei que ao meu lado, nesses dias, sentiu-se útil e necessário pela primeira vez. Mas, o que existe entre nós é muito maior que defeitos ou qualidade. — Maliciosamente, pediu: — Apague todos os seus pensamentos e simplesmente viva esse momento comigo.

Ele a olhou confuso, mas obedeceu.

Recostados contra uma figueira, Finn voltou a puxar as coxas da mulher. Pousou-a sobre o colo, ainda vestidos, mas com o espaço nas roupas para que o sexo pudesse ocorrer.

Uma loucura! Sim, uma insana loucura!

Uma mulher digna como ela merecia uma cama bonita, lençóis de noiva. Mas, ela não o queria para marido. Ela não aceitara seu pedido de casamento. Ela era livre, independente... e queria que ele também o fosse, ao seu lado.

— Apague os pensamentos — ela repetiu.

Samantha passou a mão ao redor do pescoço masculino, beijando seu rosto carinhosamente.

— Fico feliz só de estar com você. — ele disse, acariciando seus cabelos, ainda lhe dando espaço para fugir daquela insanidade.

Sim, porque se alguém tivesse que parar aquilo era ela. Finn não tinha capacidade de fugir estando tão duro.

— Mas eu não — retrucou, ansiosa. — Houve um tempo em que eu acreditava que nunca me faria falta, mas agora... Eu quero mais, Finn... Isso não me satisfaz mais... Eu quero você.

Assim, simplesmente Samantha deixou que seu corpo apelasse para a masculinidade latente daquele homem. Beijou-o novamente. Na boca. A língua quente fazendo o corpo dele arquear, surpreso. Dessa forma, capturou sua língua com os lábios, sugando-a docemente.

O resultado foi rápido. O olhar inseguro deu lugar àquele torpor de paixão que foi provocado com maestria pela sacerdotisa.

Ela deixou sua boca, atacando seu pescoço, um ponto delicado que ele jamais deixou que o deixaria tão aceso. Por cima da camisa, os mamilos duros despontarem, apertando-se contra o peito másculo. Finn não resistiu e

os apertou entre os dedos, fazendo-a gemer baixinho.

— Você nunca perde uma discussão? — ele brincou.

— Nunca — afirmou. — Estou sempre certa.

Finn riu.

— Tira a calça? — Ela pediu, mas ele se recusou.

— Alguém pode ver. Não quero macular ainda mais sua reputação.

— Estou cagando para o que pensam sobre mim.

— Direi isso aos seus irmãos, quando eles vierem atrás de mim para me matarem.

Finn desceu apenas a parte alta da calça. O pênis elevado surgiu diante do olhar ansioso de Samantha. Logo, contudo, desapareceu debaixo dos panos da saia dela. O centro feminino estava a centímetros dele, mas Samantha o torturaria com uma esfregação lenta em seu corpo.

Ele gemeu baixinho, mergulhando o rosto no seu pescoço. Sam pensou que outrora comparava aquele tipo de paixão desesperadora a algo semelhante ao instinto dos animais. Cria que jamais iria querer um homem daquela forma. Que um homem jamais a melaria daquela maneira. No entanto, naquele instante era a vítima perfeita da paixão, do desejo irreprimível.

E não se importou. Estava cega por ele e seria capaz de tudo para se manter ali, em seus braços.

Ainda com a boca colada a dele, sentiu Finn ajeitando-se vagorosamente contra ela. Assim, foi sentando devagar sobre ele. Finn gemeu, apertando-a nos braços.

O tempo parou, deixando-os saborear aquele momento, a felicidade de estarem unidos como um só. Era maravilhoso!

Encostou a testa na dele, olhando no fundo de seus olhos escuros.

Havia muito amor ali... E desejo também. Como se fosse a centelha que precisava, Sam começou a se mover como se estivesse galopando.

Doeu, de primeira. E de segunda. Era desconfortável, e ela sentiu que poderia chorar. Mesmo assim, ainda queria. Ainda o queria. Prosseguir com aquilo era quase como uma meta de vida.

— Eu não consigo... — queria se explicar.

Aquela mistura de dor e preocupação fez Finn pegá-la no colo e deitá-la na relva. Seu peso sobre ela tornava a penetração mais funda, mas a dor era bem-vinda.

Samantha podia senti-lo tremer, subjugado pelas sensações que nutria por ela. Gemeu quando ele, sem controle, jogou todo seu peso contra o corpo feminino.

— Samantha... Eu não quero machucar você.

— Não está machucando. — mentiu. — Mais rápido, Finn...

Ele pareceu perceber a mentira, mas obedeceu ao comando. Acelerou o ritmo, segurando o bumbum dela contra si.

Sam gemia, sentindo-o perder novamente o controle e aumentar a força contra ela. Mas, dessa vez, juntamente com a dor havia uma nova sensação.

Ela podia explodir ali, em mil pedaços. Cacos de um cristal que jamais voltaria a ser o mesmo. Então entendeu porque Evelyn mudou tanto nas mãos de Erick. Porque o amor mudava, alterava para sempre o âmago de alguém.

Finn não aguentou muito tempo e, se jogando sobre ela sem fôlego, alcançou o clímax.

Sam sorriu, acariciando seu rosto.

— Finn... — sussurrou, beijando sua orelha, impedindo que ele se afastasse.

Porque não podia ter fim. Não aceitava que tivesse. Não queria que ele

saísse de seus braços, voltasse à suas terras, casasse com outra mulher.

O homem gemeu quando sentiu a língua dela em contato com a pele macia. Novamente, Samantha passou a se mover contra ele, dessa vez bem devagar. Ele ainda não estava pronto para continuar, por isso não havia necessidade de correr. Seus lábios se encontraram em um beijo lento. Sem aviso, ele então a penetrou com o dedo.

Sam o encarou. Viu um sorriso malicioso que jamais havia visto antes. As carícias dele eram gentis, mas firmes, e a faziam gemer de desejo.

Ele cravou os dentes no ombro delicado, enquanto abria ainda mais suas coxas com o joelho. O dedo ali, acariciando cada pedaço parecia muito bem encaixado, como se fosse exatamente seu lugar.

A outra mão, contudo, provou o contrário. Os dedos másculos tocaram seus lábios, entreabrindo-os. Ela sentiu o calor contra a língua, e numa completa tortura sexual, implorou:

— Finn... por favor... Por favor...

Ele continuou se movendo. O desejo tão enlouquecido que Samantha se atreveu a buscá-lo com a mão, sempre sendo repelido por ele.

— Devagar... — Finn murmurou.

Mas Samantha não aguentava mais. Começou a se mover contra a mão dele, tentando encontrar o ponto que a libertaria daquilo. Finn parecia querer retardar o momento do ápice feminino ao máximo, mas ela estava prestes a berrar.

Foi quando a boca dele desceu contra sua carne. O susto não foi maior que o desejo. Instintivamente, fechou os olhos, deixando que ele a sugasse com força. As mãos masculinas, enquanto isso, acariciavam aqueles dois gomos redondos, abrindo suas nádegas. A carícia era muito erótica e lhe fez pedir mais.

Estava quase lá... e era sua primeira vez!

E então veio aquela onda de prazer que de tão intensa era chocante. Samantha agarrou os cabelos masculinos, sentindo-se derramar contra a boca do homem. Era intenso, delicioso, era o ápice de tudo que já viveu.

Existia o paraíso, e era nos braços de Finn Keelin.

Capítulo 10

AMIZADE

— Temos que erguer na mesma hora.

Finn assentiu, diante da explicação.

Aos pés da cama do idoso doente, ele agarrou firme a barra dos lençóis. Do lado superior, Samantha agia da mesma maneira.

— No três — ele indicou, e ela sorriu.

Havia uma mística poderosa em trabalharem juntos. Uma alegria imensurável, algo que não conseguiam esconder nos sorrisos e olhares.

— Um... dois...

No três, ergueram o lençol, subindo também o corpo do acamado. A filha do homem, que também estava no quarto, trocou rapidamente os panos de baixo e eles voltaram a descer o homem.

— O que não conseguimos quando juntamos as forças, Finn? — ela riu, diante de mais um serviço completado.

A vida em Laxe estava começando a entrar nos eixos. A maioria dos doentes que sobreviveram ao envenenamento já havia se recuperado, e os poucos que ainda permaneciam doentes eram os que já estavam fracos pela idade ou doença anterior.

Logo esses também estariam bem e o trabalho da sacerdotisa e do senhor feudal teria se completado.

— Eu sempre vou levá-lo em meu coração — ela declarou, assim que se afastaram da casa.

Seriam amigos... Amigos.

Mesmo que a paixão queimasse neles, mesmo que o coração pulsasse, mesmo que houvesse dor... Ainda assim amigos.

Finn desviou o olhar.

Não era algo agradável de perceber.



Havia poucos vilarejos próximos à estrada onde tinham parado a carruagem e Brandon já estava no último deles, a perguntar sobre a irmã.

Como era possível que ela houvesse desaparecido completamente?

Uma mulher daquelas, com vestimentas chamativas e a voz mais autoritária que o mais bravo dos homens não passaria despercebida em canto nenhum daquela terra.

Sentou-se à mesa de uma taberna. Pediu cerveja. Estava exausto. Teria que voltar para Nunemesse e narrar ao irmão o que havia ocorrido.

Erick Balden ficaria revoltado. Talvez até pior. Brandon não o culpava. Havia levado Samantha consigo jurando protegê-la, mas a havia perdido no primeiro dia!

Subitamente o som da entrada de alguém na taverna fê-lo erguer o olhar. Um homem e um garoto se aproximaram dele.

— Soube que procura pela sacerdotisa Samantha.

O coração de Brandon saltou como se fosse sair pela boca.

— O senhor a viu?

— Sim, ela salvou a vida de meu filho — apontou o garoto. — Numa noite, algumas semanas atrás.

Brandon percebeu que esse, provavelmente, havia sido o motivo do sumiço da irmã.

— E onde ela está?

— Depois de efetuar o tratamento, seguiu com um nobre em direção à carruagem onde o irmão a aguardava.

Brandon escondeu o rosto com as mãos, nervoso.

— Sou o irmão. Nós acabamos nos desencontrando. Sabe que nobre é esse?

— É da casa Keelin. Finn, se não me engano.

— Agradeço muito.

Se o homem fosse honrado, algo que Brandon não confiava muito porque o pouco que conhecia da nobreza era de dar aversão, Samantha estava protegida. De qualquer maneira, precisava achá-la o mais breve possível.

Largou algumas moedas na mesa para o taberneiro e seguiu em direção à carruagem. O cocheiro o encarou, curioso.

— Samantha deve ter seguido na direção da praia — explicou. — Caso não a encontrarmos, iremos para o feudo de Keelin. Um nobre chamado Finn a está protegendo.

O rapaz, então, entrou na carruagem. Lá em cima, segurando as rédeas, o cocheiro murmurou.

— Coitado desse tal de Finn.

Capítulo 11

A FÉ

Arturo estendeu a ele uma cesta com pães, frutos e água. Um agradecimento simples por tudo que fizeram.

— Nunca teremos palavras para agradecer — ele afirmou.

Samantha e Finn deixaram Laxe com a certeza da missão cumprida. Mesmo assim, enquanto se distanciavam do vilarejo, não podiam evitar a sensação enfática de que o fim deles também se aproximava.

E então veio a melancolia, seguida a passos retos em direção ao litoral.

Eles mal conversavam. Monossílabas murmuradas entre paradas feitas apenas porque Tormenta precisava descansar.

Não era fácil escolher a fé e a missão em troca do amor. O peso daquela decisão pesou muito a ambos.



Dizem que poucas coisas na vida podem marcar tão profundamente a pessoa quanto o deslumbre do oceano.

Sentada na areia límpida, Samantha sorriu diante das ondas. Era uma beleza singular que a sentia em total harmonia com a Mãe.

— É a primeira vez que vê o mar?

A pergunta de Finn fê-la girar-se em direção do homem. Ele estendeu a ela um pedaço de pão que havia comprado em uma taberna. Depois, sentou-se ao seu lado.

— Meu pai, Denzel, me trouxe ao litoral uma vez.

Aquele passeio havia sido muito especial. O pai havia vindo para vender as tapeçarias que os Águias haviam feito, e eles aproveitaram aquela folga para se banharem e brincarem pelo amplo ambiente.

— Ele era um bom pai?

— O melhor.

Instintivamente a aura de Finn mudou. Samantha entendeu aquilo, e logo aproximou-se, buscando confortá-lo.

— Me fale sobre o seu... — ela murmurou.

— Não sei o que dizer... É um homem bruto e cruel.

— Mas você o ama?

— Não seria esse o dever de todo filho? Eu tento me forçar a amá-lo, mas não consigo. Culpo-me por não tentar ao menos respeitá-lo. Fugi dele assim que pude, deixei para trás uma irmã, jurei que voltaria para ampará-la, mas nem a Megan cumpri minha palavra. Não sou um bom homem, Samantha.

— Para mim, é o melhor — ela apertou suas mãos, gentil.

Houve um breve silêncio, novamente. As gaivotas, ao longe, ecoavam

sua canção celestial.

— Por que não vem comigo? — ela insistiu. Céus, por quantas vezes falaram daquilo? Por que ainda perseverava em algo que jamais poderia ocorrer? — Seu pai te odeia, poderia...

— Sem ser senhor de Keelin, eu jamais poderia tirar Megan de suas mãos. Eu preciso assumir o feudo.

Ela assentiu.

— Como eu queria que fosse minha senhora...

Lágrimas brotaram no olhar feminino. Lágrimas que jamais deixariam de se derramar.

— A fé ou o amor? — Samantha murmurou. — Se eu escolhesse meus próprios sentimentos, sentir-me-ia egoísta e nunca me perdoaria. — Apertou os dedos masculinos. — Essa é a sina de uma sacerdotisa. É se machucar para fazer as outras pessoas felizes.

— E quanto a nós? Seremos infelizes?

— Você é um bom homem. Encontrará uma boa mulher.

Ele irritou-se àquela menção. Levantou-se e se afastou.

Samantha se arrependeu das palavras tão logo as pronunciou. Todavia, já estava decidida.

R E D E N Ç Ã O

Brandon não estava no litoral. As festividades ainda aconteciam com intensidade, mas não havia nada ali para Samantha.

Seus deuses não simbolizavam a degradação humana, a algazarra ou a promiscuidade.

— Ainda pode ir comigo para Keelin — Finn murmurou, fazendo-a rir.

— Preciso voltar a Nunemesse. Provavelmente Brandon também irá para lá, acreditando que eu retornei à nossa casa.

— Ele deve estar desesperado... — Finn murmurou.

Samantha assentiu.

Novamente, imperou o silêncio. O trajeto de retorno estava movimentado. Muita gente indo em direção ao litoral. Muita gente bêbada, expondo o corpo. Samantha não olhou, não julgou, apenas se afastou.

O amor e o sexo era algo importante para ela. Deu-se a Finn porque amava-o. Queria ter dele a lembrança mais intensa e mais linda possível.

... E teria...

Ele mostrou-se um homem muito gentil e doce. Não perfeito, porque ela conseguia ver algumas fraquezas em sua personalidade. Mas, suas qualidades superavam qualquer falha.

Era um homem no qual ela podia confiar e admirar. E por isso, ou até mesmo sem isso, ela o amava.

— Sam... — ouviu o pedido baixo. Voltou o olhar para ele.

Haviam caminhado a manhã toda. Mais alguns dias, e ela estaria em casa. E nunca mais o veria.

— Não — recusou, voltando-se para a estrada.

Subitamente, enervou-se.

— Por que eu tenho que escolher? — devolveu. — Porque sou a mulher? Cabe a mim esconder minhas vontades para você cumprir a sua?

— Eu seguiria contigo se pudesse — rebateu.

— Eu também! — ela quase gritou. — Mas, não posso. Eu tenho uma vida, tenho responsabilidades. E você também. Então, pare de falar sobre algo que não vai acontecer!

Então ela o deixou, bufando. Claramente, queria ficar sozinha. Finn permaneceu ao lado de Tormenta, aguardando-a.

Samantha precisava de ar puro, para respirar e conseguir acalmar sua alma.



A verdade é que a sacerdotisa não era a única a estar questionando seu próprio destino.

Durante toda a sua vida, Finn Keelin sentiu-se ignorado, desprezado e

mal quisto. Agora, depois dos dias naquele lugarejo pobre ajudando as pessoas, ele aprendeu um dom.

Ali, ao lado de Samantha, amparando doentes e aprendendo sobre ervas, pela primeira vez na vida, sentiu-se útil e importante.

Não pelo nome, mas por quem ele era.

O mais triste? Nunca quis o feudo. Ao contrário, sempre tentou escapar daquele lugar. E aquela mulher linda que ele amava lhe oferecia uma vida longe de toda aquela maldade e devassidão.

E ele aceitaria de bom grado, não fosse Megan.



Quando ela voltou, bem mais tarde, a estrada já estava deserta e Finn havia organizado um pequeno acampamento perto de alguns arbustos.

Ele tinha acendido uma fogueira e assava peixes. Samantha sentiu água na boca, e o estômago roncou. Aproximou-se e sentou-se defronte ao fogaréu.

— Vou levá-la até Erick — Finn murmurou, tentando acalmar seu olhar inquieto. — E não mais insistirei.

Era o que devia ser feito.

Ambos estavam cientes disso.

Capítulo 13

A D O R

A carruagem não precisou surgir no horizonte para Samantha ficar certa de que Brandon estava próximo. Ela sentiu sua energia forte e sua angústia antes mesmo de ele aparecer, ao longe, com o olhar assombrado para ela.

Foi o mais jovem que correu em sua direção. As mãos inquietas seguraram seus ombros como se quisessem ter certeza de que a visão confortadora da irmã não era miragem. Então, depois, ele a trouxe para um longo abraço.

Foi quando Samantha ouviu o choro baixo, aquela agonia mesclada ao alívio profundo que Brandon demonstrava ao tê-la para si, novamente.

— Me perdoe, irmã — ele murmurou. — Não vi que havia saído da carruagem.

Ela riu. Imaginou que havia ocorrido aquilo mesmo.

— Tudo tem um propósito — o consolou. — Foram os Deuses que permitiram que um menino fosse picado por uma cobra, o que ocasionou a minha saída. Graças a isso, fui parar em uma aldeia em que todos estavam enfermos e precisaram de mim. Portanto, esqueça a culpa. Somos instrumentos das mãos divinas.

Brandon, então, afastou-se. Só depois disso que deu-se conta da presença do homem ao lado da irmã.

— Você é o nobre que falaram que a estava protegendo?

Finn envergonhou-se, ciente de que ele fora a maior das ameaças. Ele a

havia desonrado, e não poderia desposá-la. Mesmo assim, estendeu a mão a Brandon.

— Finn Keelin — apresentou-se.

— Sou Brandon.

— O mais jovem Águia — ele completou. — Conheci seu irmão, Erick. Fico feliz que ele governe Nunemesse agora.

Brandon assentiu.

— Está mantendo o reino próspero. — Respirou fundo. — Devemos-lhe a vida.

A vida...

Era isso que Samantha representava para aqueles homens. Diferente da irmã Megan, que havia sido um estorvo desde o início para o pai e aos irmãos mais velhos, e até mesmo a ele...

Sentiu-se o pior dos homens diante do pensamento. Contudo... Se ela não existisse... Se ela não existisse ele poderia mandar o pai às favas e seguir com Samantha.

Baixou a face, espantando os pensamentos.

Não perderia a honra diante de sentimentos mesquinhos. Não depois de conhecer uma mulher tão magnífica que lhe provou que a responsabilidade vinha acima de tudo.



Brandon não precisava ser um adivinho para saber que algo havia modificado no âmago da irmã.

Era o olhar dela enquanto preparava-se para partir com ele que denunciava uma dor ilimitada.

Eles haviam parado próximo à um riacho para darem água aos animais. Finn Keelin permanecia ao lado de seu alazão, arrumando suas coisas sobre o lombo do animal.

A irmã, distante do outro, também organizava algumas ervas que havia pegado por ali, a fim de levar consigo para Nunemesse.

Eles não trocavam palavras, porque, provavelmente, se as dissessem, denunciariam as trevas que sentiam no coração.

E, percebendo isso, Brandon soube que precisava falar com ela.

— Você o ama? — ele indagou, à queima roupa, sem dar-lhe tempo de entender a questão.

Imaginou que Samantha fosse negar, mas a resposta o surpreendeu.

— Meus sentimentos não importam.

Como não?

— Ele não te ama?

— Os sentimentos dele também não importam.

Brandon arqueou as sobrancelhas. Se ambos estavam apaixonados, por que não poderiam ficar juntos?

— Eu sou uma sacerdotisa — a irmã o lembrou.

— Efraim pode cuidar de Nunemesse — contestou.

Samantha riu, amarga.

— Quer me ver longe de casa, irmão?

— Quero vê-la feliz.

— Uma sacerdotisa faz voto de pobreza e voto de dedicação total as pessoas. Não há espaço para ser senhora de um homem poderoso.

Brandon volveu o olhar para longe. Finn parecia tão arrasado quanto ela.

— E ele? Por que não se junta a você?

— Tem que voltar para casa. A irmã precisa dele. Precisa assumir a Casa Finn a fim de evitar que o pai case a moça com qualquer homem. Ele teme que Megan, sua irmã, possa ser forçada a uma vida de violência.

Brandon compreendeu imediatamente. Aparentemente, o atual senhor da casa Keelin era como Amis, o maldito pai de Evelyn.

A cunhada, por sorte, caiu nas mãos de Erick, que a amava e a respeitava. Mas, a tal Megan poderia ser condenada a algo pior.

O FUTURO

— Partirá daqui diretamente para Keelin?

A pergunta vinda de Brandon fez Finn volver-se ao jovem homem. Assentiu.

— Já está em tempo de ir para casa.

— Por que não vai até Nunemesse conosco? Acredito que Erick gostaria de lhe agradecer pessoalmente por tudo que fez.

— Qualquer outro cavalheiro em meu lugar teria feito o mesmo.

— Sabe bem que a nobreza não é assim tão nobre — Brandon retrucou.

Os homens trocaram um olhar cúmplice.

— Eu também não o era — devolveu. — Sua irmã me ensinou a importância da dignidade.

— Samantha me disse que ficaram em um vilarejo pobre cuidando de doentes — Brandon observou.

Parecia estranho um homem da importância de Finn ter se alegrado por uma experiência difícil.

— Eu seguiria o caminho dela, sabe? — Finn contou. — Eu também serviria a Mãe Terra. Casar-me-ia com sua irmã e teria filhos com ela. E nossos filhos também seriam servos da Deusa. E nós cuidaríamos juntos dos que precisam. Mas, esses sonhos são exatamente isso: sonhos. O destino de Samantha e o meu é oposto.



Havia chegado a hora de dizer adeus.

Brandon nunca havia visto lágrimas tão espessas no olhar gentil da irmã. Apiedou-se imediatamente.

Desde sempre Samantha sacrificou-se por ele, por Erick e por todo o povo Águia. Ela era a mãe que ele não teve, a irmã mais generosa, a companheira mais fiel.

Sim, eles brigavam muito, mas também havia muito amor entre eles. E vê-la sofrer enquanto abraçava fortemente o jovem Finn fê-lo lacrimejar junto ao par.

O amor não devia ser assim...

Ele, particularmente, nunca havia experimentado aquele sentimento, não conhecia a magnitude de gostar tanto de alguém que o afastamento lhe corroesse a alma, mas conseguia compreender as nuances de um amor verdadeiro depois de ver Erick e Evelyn vivendo a mesma coisa.

Porque, pelo que entendeu em sua jovem vida, o amor era assim: era o partilhar.

Erick e Evelyn partilharam a dor e um recomeço. Samantha e Finn haviam trocado a experiência de um sacerdócio. Não era justo que eles terminassem aquela história separados.

Não mereciam isso...

Mas, Brandon ainda entendia. Como homem, Finn tinha a responsabilidade de seu feudo. Como mulher, Samantha não abnegaria seu dom em favor de um sentimento egoísta.

Ela era mais que uma mulher. Ela era uma sacerdotisa da grande Mãe Terra.

— Eu desejo, do fundo do meu coração — ouviu-a murmurar à Finn —, que você encontre a felicidade...

Mas, Finn já havia encontrado. Estava ali, diante dele. E ele há estava perdendo entre os dedos.

A carruagem aguardava a mulher. Tormenta, ao homem. Era o fim.

Repentinamente, contudo, Brandon abriu a boca, dizendo algo que sequer havia se passado em sua mente antes:

— Se eu me casar com sua irmã, vocês poderiam ficar juntos?

Finn e Samantha o encararam como se estivessem diante de uma ilusão.

— E por que exatamente você se casaria com alguém que nunca viu?

A pergunta sequer veio do casal. O cocheiro é que a pronunciou, completamente chocado.

— Poderiam ficar juntos ou não? — Brandon insistiu, ignorando o homem.

— Eu lhe daria o feudo junto com Megan — Finn assentiu. — Mas, você precisa entender que é uma decisão que precisa ser mais bem pensada... Megan não é exatamente um modelo de esposa.

— É feia? — A pergunta de Brandon não parecia insultante. — Certamente não me importo. Nunca fui do tipo casamenteiro, mas serei um bom marido. Samantha sabe que eu seria incapaz de maltratar uma mulher. E,

sem falsa modéstia, qualquer coisa que faça xixi de cócoras me atrai.

Céus, Samantha já conseguia imaginar a pobre Megan sofrendo com um marido sem papas na língua e sendo traída com qualquer mulher do feudo.

— Não criei um irmão para ser um traidor, para fazer a esposa sofrer.

— Eu serei um ótimo marido! — ele retrucou. — Eu sou adorável. Ela vai me idolatrar — o autoelogio combinava com ele. — Além disso, eu também quero uma casa e filhos, como Erick.

Era mentira. Samantha sabia que Brandon amava a liberdade.

— Brandon...

— Irmã — o outro cortou-a. — Eu quero que seja feliz. E você será, com esse idiota — apontou Finn. — Porque vocês gostam dessa coisa de cuidar das pessoas. Eu, ao contrário, me satisfaço em ter um feudo próspero. Além disso, se não me der Megan em casamento, eu falarei com Erick, pedirei um dote, e oferecerei ao seu pai. Irei levá-la de lá e você precisará assumir — apontou Finn — o feudo de qualquer maneira. Ao menos, assumindo antes e me dando a mão dela, você se livra da obrigação e seremos uma grande família satisfeita.

— É errado, Brandon — Samantha insistiu.

— Eu farei isso, quer vocês queiram ou não. Você vai facilitar a minha escolha ou será um empecilho a ela?

Capítulo 15

O QUE PERMANECE

— Essa terra está tão quente.

O negro atrás da ruiva abanou-se com as mãos. Percebeu-a suspirar, diante da colocação.

— Não consigo evitar, Cashel.

— Nem Bran — ele a confortou. — A terra dele está a cada dia mais gelada.

— Minha raiva pelo que a nobreza faz em Masha, e pelo que o clero está fazendo às pessoas não ruivas, me enerva demasiadamente. Assim, eu acabo deixando o calor de minha raiva passar para esse lugar que já foi tão belo. — Subitamente, sorriu. — Mas, plantei uma semente.

— Na sacerdotisa?

— Em Nunemesse. Ela vai passar de geração e geração até chegar na nova sacerdotisa de Nunemesse.

— Melissa... — Cashel murmurou.

— Agora — apontou Samantha, ao longe. — Essa sacerdotisa cumpre o que preciso. Cuida das pessoas.

Ao longe, um garotinho de cabelos acobreados correu até a mãe, que o pegou no colo.

— Ela me chama de Mãe Terra — Masha contou. — Acha que eu fui

uma sacerdotisa que a escolhi ao léu.

— E um dia ela saberá a verdade?

Masha sentiu os olhos transbordando a emoção ao ver o carinho da mãe para o filho. Aquele tipo de amor sempre a comovia.

— Ela não precisa saber.

Cashel concordou.

— Você percebeu o Maligno?

— Aquela fagulha maldita? Oh, jamais escaparia aos meus olhos.

— Ele não está mais aqui. Foi para Bran. Sei que também irá para minhas terras. O começo do fim.

— O fim já começou quando o primeiro se rebelou e se deixou dominar pelo mal.

— Mas enquanto houver amor, há esperança — Cashel lhe murmurou, fazendo-a sorrir.

— Sim, eu sei, meu irmão.



Naquela casa simples de tábuas pintadas à cal, Finn parecia concentrado no livro onde redigia sobre as ervas e suas propriedades

medicinais.

A mulher apareceu à porta.

— Caleb já dormiu? — perguntou a ela.

Samantha aproximou-se do marido e pegou uma flor que estava sobre a mesa.

— Adoro essa flor... — murmurou. — O cheiro dela é tão doce...

— Pois então saiba que eu descobri que ela não apenas é uma beleza para os olhos — apontou. — Lembra-se daquela senhora que vivia nervosa, pois não conseguia dormir à noite?

— A idosa que Efraim jurou que estava atormentada por maus espíritos? — ela riu.

— Como você me ensinou, estava ministrando a flor como chá para as dores estomacais da mulher. Mas, ela jura que resolveu tomar à noite e acabou pegando no sono. Fui vê-la durante à tarde, e está mais calma, mais tranquila. As dores de cabeça pararam, sente-se mais disposta...

— Sério?

A novidade deixava Samantha muito feliz.

— Sempre busquei por uma planta que ajudasse pessoas nervosas. E você a encontra assim, tão facilmente? — ela brincou.

— Eu tive uma excelente mestra.

Os dedos masculinos enroscaram-se nos dela. Houve uma troca significativa de olhares.

— Obrigada — ela murmurou. E sua voz trazia uma verdade inevitável.

— Obrigado — ele devolveu, sorrindo.

Parecia que a vida era apenas uma colheita. Samantha e Finn escolheram dedicar-se um ao outro e a cuidar das demais pessoas. O resultado foi um casamento feliz e um filho que lhes trazia profunda alegria, além de, claro, pacientes que eram profundamente gratos.

Os elementos cósmicos e a batalha do bem e do mal não os atingiram.

Restou a eles a felicidade que mereciam. E a viveram sem receios.

~~ Fim ~~

A SAGA DOS REINOS

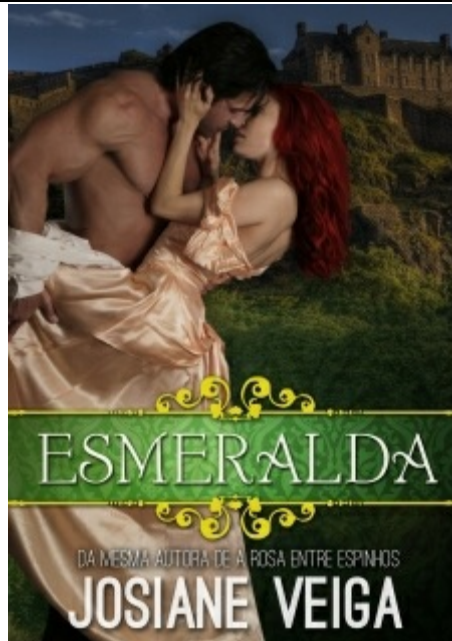
LIVRO 1

Três reinos. Três povos. Uma mulher, unindo todos eles...

Esmeralda de Cashel era uma imunda. Filha de um estupro, uma branca em terra de negros. Tudo que buscava em sua vida era encontrar o maldito homem que havia destruído sua mãe...

Mesmo que para isso ela precisasse avassalar o coração solitário de um Rei amargurado.

Cedric de Bran via seus dias cruzarem diante de seus olhos por trás de uma máscara que escondia seu rosto deformado. Não acreditava no amor, mas, quando chegou ao seu reino uma mulher de cabelos vermelhos e olhos cor de esmeralda, ele não pôde escapar da magia que parecia dela emanar.



LIVRO 2

O amor os destruiu...

Elisabeth de Brace era descendente direta da antiga e

mitológica Rainha Esmeralda. Contudo, não herdou a audácia e a coragem de sua antepassada.

Preso num mundo cruel, dada por noiva a um rapaz que não desejava, aceitou a passagem de seus monótonos dias sem reclamações.

Contudo, a desistência do casamento por parte de Andrew Clark, fê-la perceber que as coisas poderiam piorar.

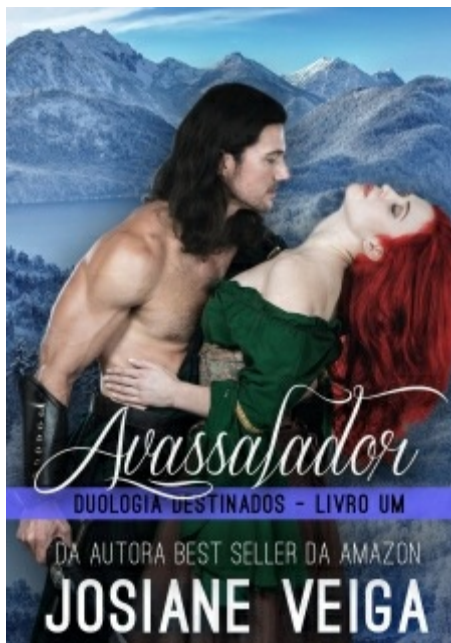
Para fugir de outro matrimônio, dessa vez com um homem desonrado e repugnante, aceitou deitar-se com um bastardo sem nome, que a levou a uma vida de dissabores e desilusão.

Joshua, o bastardo, nunca creu que Elisabeth um dia fosse sua. Cumpriu seu papel de amigo na vida dela, honrando-a e amando-a em segredo. Porém, quando ela implorou que a tomasse, ele não pestanejou.

Entretanto, Joshua não havia nascido para um relacionamento.

Além da vida desgarrada, ele não confiava nos sentimentos da esposa, e a torturava com seu ciúme e desconfiança.

Como o amor entre eles poderia florescer se a dúvida pairava o tempo todo entre ambos?



LIVRO 3

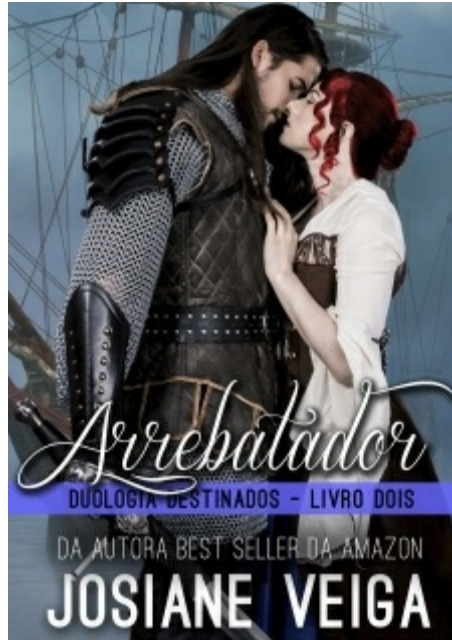
Pilhar, roubar, destruir... Nada disso satisfazia ao bastardo pirata Joshua.

Navegando pelos mares dos deuses, ele provocava o Rei com

suas estratégias cruéis de assalto.

Porém, o que ninguém imaginava é que tudo que fazia tinha um objetivo. Precisava de ouro para voltar ao reino de Bran e destruir a mulher que um dia ele amara.

Elisabeth Clark pagaria caro por sua traição, mesmo que, para isso, ele precisasse destruir-se junto com ela.



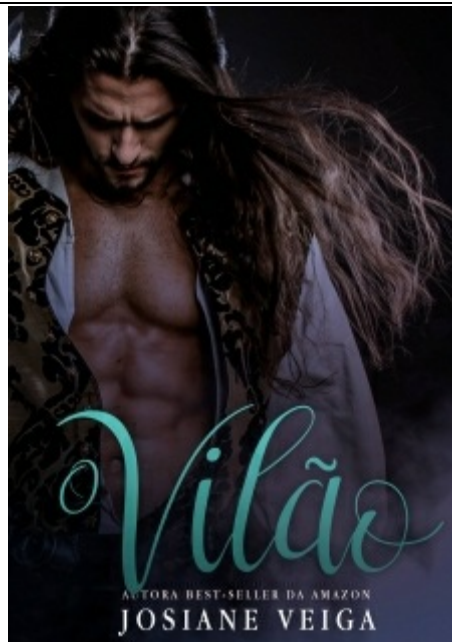
LIVRO 4

Seria o amor capaz de curar feridas tão profundas?

Quando o Rei Iwan de Masha herdou o trono, a lei que punia os bastardos pelos pecados de seus pais foi extinta. Por conta disso, Norman, um rapaz destruído pelos castigos anteriormente praticados contra si, é reconhecido como filho único do lorde mais abastado de Masha.

Levado das masmorras até a nobreza, ele se torna o novo senhor de Nunemesse, a região mais quente dos reinos. Contudo, em si, tudo que restou foi o ódio. Anos e anos de apedrejamento, clausura e tortura o tornaram alguém seco e cruel.

Nesse ínterim, Melissa, uma



jovem ignorada e subjugada, é lhe dada em casamento. Porém, como a simplicidade do amor poderia competir com a maldade e a dureza de um coração tão perturbado?

LIVRO 5

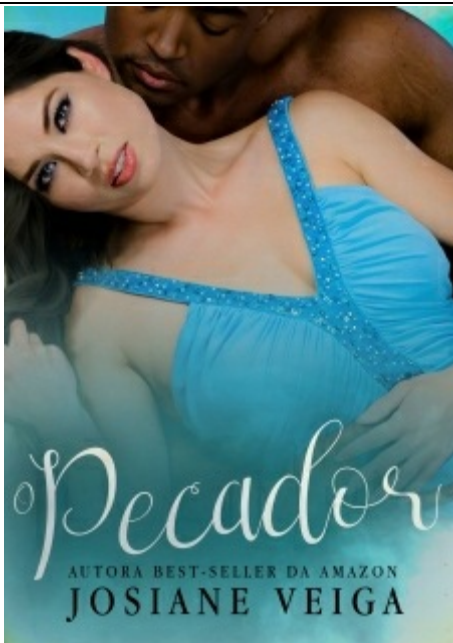
Nas terras montanhosas de Cashel, princípios antigos desejam renascer.

Gideon cresceu à sombra de uma antiga religião. Acredita que os princípios destruídos pelos Reis são a base para que a terra de Cashel volte a ser rica e próspera.

A fome assola seu povo, a peste ceifa da criança ao ancião, e o jovem guerreiro busca por vingança. Os Deuses devem ser punidos por terem esquecido o povo de pele escura.

Porém, tudo cai por terra ao conhecer a sobrinha do Rei. A morena de olhar intenso e temperamento difícil faz com que seu corpo exploda num desejo avassalador.

A jovem Élen lhe é proibida. Amá-la é um pecado. Gideon não pode fugir da iniquidade.



LIVRO 6

O amor e o ódio mesclados nas geladas terras de Bran.

Lana era uma Vagante, membro de um clã que andava entre os reinos em busca de trabalho. Aprendeu a arte da dança e das ervas desde cedo e, desde cedo, sonhou com liberdade. Contudo, quando levada até o

norte de Bran, viu-se alvo dos desejos voluptuosos de Brian Clark, o novo Senhor de Castelo Branco.

Fugir do homem mostrou-se impossível. Resistir a ele, mais ainda. Mas, havia uma promessa feita a Deusa Masha. Lana precisava do homem certo para trazer ao mundo o Deus Bran. E esse homem com certeza não seria alguém tão perverso quanto o homem audacioso que a fazia tremer.



DEMAIS LIVROS DA AUTORA

Curta a página no facebook e conheça todos os livros.

<https://www.facebook.com/JosianeVeigaOficial>



Josiane Biancon da Veiga nasceu no Rio Grande do Sul. Desde cedo, apaixonou-se por literatura, e teve em Alexandre Dumas e Moacyr Scliar seus primeiros amores.

Aos doze anos, lançou o primeiro livro “A caminho do céu”, e até então já escreveu mais de vinte livros, dos quais, vários destacaram-se em vendas na Amazon Brasileira.

